

10/31/936 57

germen



—≡ Revista
dos

Estudantes de Medicina do Porto

Jornadas Médicas Luso-Galaicas

(Número especial)

Medicina

Cultura

e

Vida académica

4-1936

Janeiro

3\$00

Visado pela comissão de censura.

1895

1895

1895

1895

1895

1895

1895

1895

1895

1895

1895

germen

REVISTA DE MEDICINA, CULTURA E VIDA ACADEMICA

DIRECTORES E REDACTORES

Tiago Ferreira e Pedro de Sampaio.

EDITOR — Augusto Soares Monteiro

Propriedade do nucleo de edições "GERMEN"

Redacção — "GERMEN" — FACULDADE DE MEDICINA — Pôrto — Telef. 500

COMP. E IMPRESSO NA TIP. PROGRESSO — R. DR. SOUZA VITEIRO, 91-PORTO



RAZÕES DE SER

São já publicados quatro números da nossa revista e o entusiasmo que emprestamos à sua elaboração continua o mesmo do primeiro.

Estabelecidos os meios, princípios e fins desde o início desta publicação, continuará, pois, aparecendo à luz da publicidade e sempre animada duma boa fé, procurará representar condignamente as palavras que ostenta na sua capa — Revista dos estudantes de medicina do Pôrto.

Os meios de que dispomos residem, sobretudo, na vossa colaboração, porque ela dar-nos-á a base dos nossos princípios — independência absoluta.

E quais os fins que temos em vista?

Elevar o nível cultural do nosso estudante, oferecendo-lhe a leitura de «Germen» e colocando à sua disposição as suas colunas.

Mas, «Germen» associa a tudo isto — e é esse um dos seus fins mais notáveis — tornar conhecida a nossa Faculdade pelo nome de todos os que nela trabalham.

Não será isto suficiente, não será um atributo que baste para

podermos continuar com entusiasmo a publicar uma Revista dos estudantes de medicina do Pôrto?

O pensamento que anima estas palavras é que nos orientará na nossa vontade firme e quando afastados da vida de estudantes poderemos orgulhar-nos da nossa presença ter sido bem vincada, pelo menos, pelo desejo que mostramos de querer trabalhar.

Este número, dedicámo-lo às Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas, realizadas no mês de Setembro em Orense.

A nossa revista não podia ficar indiferente a essa grande manifestação científica para a qual concorreram, sem distinções, numerosos médicos galegos e portugêses, e que tanto vem contribuir para o intercâmbio universitário, hoje, já em grande progresso.

Na impossibilidade de descrever minuciosamente o que elas foram, vamos dedicar-lhes algumas páginas e ficaremos satisfeitos por ter cumprido um dever.

Presidiu às Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas o Professor Hernani Monteiro. Proferiu um brilhante discurso inaugural que achamos de absoluto interêsse reproduzir e pelo qual se verificará como foi nobilitada na sua pessoa a Faculdade de Medicina do Pôrto.

Terminaram com uma sessão solene realizada na Universidade de Santiago, à qual foi associada uma homenagem à memória de Rodriguez Cadarso.

Nessa sessão, falaram o Reitor da Universidade — Professor Montequi, Garcia Boente — presidente da comissão organizadora das Jornadas, o Professor Echeverri, o Professor Hernani Monteiro e Fidelino de Figueiredo.

O Professor Hernani Monteiro fez o elogio do Professor Cadarso e Fidelino de Figueiredo falou em nome dos conferentes que têm passado pelo Instituto de Estudos Portugêses em Santiago de Ccmpostela, salientando a importância do intercâmbio cultural entre a Espanha e Portugal.

Agradecemos ao Dr. Diz y Lois e ao Dr. Vilas Bôas Neto a sua prestante colaboração no presente número.

Ao Professor Hernani Monteiro, pela maneira cativante como nos atendeu quando lhe solicitamos a publicação do seu discurso inaugural, expressamos a nossa gratidão.

PEDRO DE SAMPAIO.

Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas

DISCURSO INAUGURAL

*Sr. Presidente
Ilustres Autoridades
Prezados Colegas
Minhas Senhoras e meus Senhores:*

*D*irigindo a V. Ex.^a, Sr. Presidente, as minhas primeiras palavras, sei que satisfaço o desejo dos médicos da Galiza e de Portugal, hoje reünidos na cidade de Orense e por ela gentilmente acolhidos.

Queremos, na verdade, exprimir a V. Ex.^a o nosso reconhecimento pela honra que nos dispensa, presidindo à sessão inaugural das «Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas», e pedir-lhe que se digne aceitar, com os protestos da nossa distinta consideração, os votos muito sinceros que formulamos pelas prosperidades da Espanha.

Igualmente nos penhora vemos ao nosso lado altas personalidades e autoridades militares, civis e académicas de àquem e de além Minho, pois a sua presença, dando extraordinário brilho e realce a esta solenidade, claramente significa aplauso ao nosso empreendimento e serve de poderoso estímulo para continuarmos com o fecundo labor de aproximação cultural luso-galaica.

Manifesto o melhor agradecimento às corporações e individualidades que concorreram para a boa organização e pleno êxito destes «Dias Médicos», sem esquecer todos aqueles que quizeram associar-se à homenagem — a todos os títulos justíssima — que prestaremos à memória, cada vez mais saudável, de Rodriguez Cadarso, digno Presidente das «Jornadas Médicas» de Lugo, Reitor prestigioso e inolvidável da Universidade compostelana, por cuja modernização lutara sem descanso, e amigo devotado de Portugal, como demonstrou em variadas emergências, mas, sobretudo fundando o Instituto de Estudos Portugueses junto da Universidade que superiormente dirigeia.

Neste momento, mais avulta a sua lembrança e mais sensível se mostra a sua falta. Sabemos perfeitamente, pelo carinho que lhe mereceram as anteriores Jornadas, quanto a sua clara inteligência e comunicativo entusiasmo viriam valorizar a nossa reunião deste ano.

Em nome dos médicos portugueses, quero e devo agradecer aos colegas da Galiza as múltiplas atenções e provas de cordial estima com que sempre nos têm cercado, e que tornam para nós particularmente agradáveis estas Jornadas.

Conhecendo os primores da vossa educação e sabendo, ao mesmo tempo, que tôdas as pessoas bem educadas possuem memória extremamente fiel para os favores que recebem, mas péssima para os favores que dispensam, permito-me recordar-vos rapidamente os motivos da nossa gratidão para convosco.

Há meia dúzia de anos — na primavera de 1929 — médicos oriundos da Galiza (dos quais devo destacar o Dr. Requeiro Lopez, Secretário honorário das actuais Jornadas), no louvável intuito — digno do maior aplauso e, felizmente, coroado do melhor êxito — de « pôr em contacto todos os membros da grande família médica galega, levantando o espirito, criando ideais, conjugando esforços » que redundassem em benefício de todos, lançaram a ideia da celebração de uma semana médica, à qual deram o título de « Jornadas Médicas Gallegas ».

Nesse nobre empenho de dignificação colectiva, não houve dificuldades nem obstáculos que fizessem malograr tão bela iniciativa e mêses depois, em 19 de Agosto, inauguravam-se na Corunha as « I Jornadas Médicas Gallegas », sob a presidência do venerando Dr. Jacob Lopez Elizagaray, patologista de renome, justamente respeitado pelo seu saber e carácter.

Disse o ilustre presidente dessas Jornadas, na oração inaugural, que tais reuniões seriam também um meio de ampliação universitária por nem sempre o ensino oficial poder expor tudo quanto se investiga.

E Cadarso, no eloqüente discurso pronunciado na sessão de encerramento, aventava que poderiam as assembleias bi-anuais render ainda mais e melhores frutos, se — para ilustração dos colegas que labutam longe dos grandes centros, privados de bons livros e revistas — se organisassem brevíssimos cursos, onde se expuzessem os problemas de maior actualidade nas diferentes especialidades clínicas.

E' que já se reconheceu, perante os inúmeros progressos da Ciência e as múltiplas aquisições técnicas no vastíssimo campo da Medicina, a impossibilidade de formarem as Faculdades médicos acabados, completos, pois as escolas, durante os anos do curso, conseguem apenas ministrar o « ensino de base » (Burnet). Nem admira. Respondendo à pergunta: « O que é a Medicina? », Rist, em artigo de todos conhecido, mostrou o âmbito enorme dentro do qual, hoje, o médico desenvolve a sua actividade.

E os novos deveres exigidos pelas reformas sociais, levam os médicos a occupar-se do estudo do Homem, não só doente, mas também são, e a conhecer o seu valor físico e psíquico.

E' certo que, já há muitos séculos, Herófilo, um dos grandes investigadores da célebre Escola de Alexandria, definira a Medicina: « a ciência da saúde e da doença ». Hoje, porém, deve tornar-se cada vez mais, como diz Burnet, a cultura da saúde.

Por isso, Sir Georges Newmann pede que nos ocupemos sobretudo da Medicina biológica e não apenas, como outr'ora, da Medicina patológica.

Já não têm, pois, cabimento as palavras de Ovideo, nos « Tristes »: « A tua arte, ó Apolo, é ociosa, se os homens têm saúde », porque só o doente desconfiado, buscava o remédio da Medicina.

A moderna orientação — de que os hospitais já sofrem a influéncia, pois, além do seu papel no tratamento dos doentes, devem permitir, a título preventivo, o exame dos indivíduos aparentemente sãos, e exercer funções profiláticas e higiénicas para o ambiente social (López Albo) — é bem conhecida e seguida

pelos colegas que têm dado a sua colaboração às «Jornadas Médicas». Basta olhar para os títulos dos relatórios. Não só os deste ano, em que são estudadas as «Peculiaridades de la Sanidad y de Asistencia pública en las regiones de población rural diseminada (tipo Galicia)» e os «Hábitos alimentares nas diversas classes sociais (no Norte de Portugal)», mas também os das reuniões anteriores, em que foram apresentados trabalhos de índole idêntica, como, por exemplo, os referentes ao estudo da lepra e à organização da luta contra o cancro na Galiza, sobre as águas minero-medicinais desta região, e a exposição, no alto de Cebrero, junto das típicas palhoças, da importante questão da «Higiene da habitação rural na Galiza», sem esquecer, também pelo seu carácter social, o estudo acerca dos «Problemas sanitários que apresenta a emigração e a imigração na Galiza».

E quero salientar, ainda, quanto interêsse têm merecido nestas assembleias os problemas de ordem médico-social, mas adaptando-os às condições peculiares das regiões, nas quais e para as quais êsses estudos são feitos — Galiza e Portugal. E ponho em evidência o facto, porque, não há muito, o professor Forgue, comentando um pensamento de Carlos Nicolle (em vez de se procurar constituir um tipo de inteligência comum aos civilizados, inteligência racionalizada que seria estéril, como tudo quanto é artificial, procure cada povo desenvolver as suas qualidades particulares), afirmava que nas ciências médicas deve seguir cada povo, com efeito, as suas capacidades naturais, estudar os problemas que a sua patologia especial lhe aponta com mais instância ou para os quais a impulsão criadora de um mestre de génio, fundador de escola, haja orientado os investigadores.

Diante do vasto programa aberto ao nosso esforço, os que têm dedicado a sua atenção ao problema, na ordem do dia, da reforma dos estudos médicos chegaram à conclusão de que é necessário completar aquele «ensino de base», que podem fornecer as Escolas durante os seis ou sete anos do curso, não só com o ensino da especialização (no sentido da investigação científica, da medicina preventiva ou da medicina clínica), mas também com o ensino de aperfeiçoamento, para que tanto o «médico de base» — isto é, o prático da medicina geral, — como o especialista, estejam sempre ao corrente das modernas aquisições e o seu saber constantemente se actualize, para melhor cumprimento da sua complexa e delicada missão.

Merece, portanto, o nosso incondicional louvor êsse grupo benemérito de colegas que planearam, em 1929, a organização das «Jornadas Médicas Gallegas», que podemos considerar também como iniciativa tendente a fornecer aos antigos diplomados, que necessidades da vida afastaram dos grandes centros universitários e hospitalares, alguns meios de refrescarem (para empregar a expressão inglesa) os seus conhecimentos. Empreendimento tanto mais para aplaudir, quanto é certo que êste ensino complementar há muito se realiza em vários centros do mundo, e hoje é nalguns países obrigatório e gratuito.

Recordo que no mês de Maio foi inaugurada em Londres, pelos Reis de Inglaterra, uma Escola de Medicina para esta educação complementar, isto é, um centro de ensino clínico com os seguintes fins: «primeiro, permitir aos práticos da medicina geral que actualizem os seus conhecimentos e que se familiarizem com os últimos progressos no diagnóstico e no tratamento; segundo, ministrar instrução aos diplomados que desejem seguir estudos especiais em

ramos particulares da profissão; terceiro, promover a investigação e fazer avançar os conhecimentos médicos».

E como não citar aqui, em terras de Espanha, entre outros, os cursos de aperfeiçoamento promovidos pela Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela e os cursos de verão em Santander, nesse hospital levantado pela generosidade inteligente do Marquês de Valdecilla?

E as nossas Jornadas são, afinal, um rápido mas extenso curso de ensino recíproco.

Aqui vimos, regularmente, desde 1929, apresentar os resultados da nossa experiência em variados capítulos da Medicina, discuti-los, publicá-los. E desta forma, provamos pertencer ao número daqueles que julgam de alto valor os trabalhos originais, pela autoridade e personalidade que conferem a quem os subcreve, pelos progressos que imprimem à Ciência e pelo crédito que deles resulta para os países onde são realizados.

E sabemos bem que a própria investigação no domínio da ciência pura, que todas as pesquisas desinteressadas não constituem mero entretenimento de espíritos curiosos, mas sim a fonte inexgotável de fecundas aplicações. Por isso é que perguntava Perrin se, quando se consegue salvar uma vida humana por meio de uma vacinação ou de uma operação cirúrgica, nos lembramos de que o médico, ou o cirurgião, deve a Pasteur o tubo de soro salvador ou a assepsia, sem a qual a intervenção seria mortal, e de que, por outro lado, o telefone que o chama ou o automóvel que o leva não existiriam sem o esforço de físicos como Faraday.

São, pois, verdadeiramente beneméritos os organismos criados com o fim de promover e facilitar a investigação. E oxalá a «Junta de ampliación de estudios», em Espanha, e a «Junta de Educação Nacional», em Portugal, possam um dia ter fundos e dotações que lhes permitam conceder, a todos aqueles que mostrem possuir qualidades, os meios necessários para se dedicarem inteiramente a tal género de pesquisas.

Já na primeira reunião da Corunha, em que tanto brilharam os filhos da Escola compostelana, vindos das quatro províncias galegas e de outras terras de Espanha, colaboraram, graças à intervenção amiga de Rodríguez Cadarso, alguns médicos da Escola do Porto, oficialmente representada pelo Prof. Almeida Garrett.

Nas II Jornadas, que dois anos depois se celebraram em Vigo, sob a presidência do eminente clínico Dr. José Goyanes, glória da cirurgia espanhola, maior foi a representação portuguesa e ali se reuniram, em franco convívio com os colegas espanhóis, médicos das três cidades universitárias do meu País — Coimbra, Lisboa e Porto.

Num entusiasmo sempre crescente, médicos da Galiza e médicos de Portugal voltaram a colaborar nas III Jornadas Médicas, realizadas, no verão de 1933 em Lugo, sob a presidência de Rodríguez Cadarso, e nas quais distinguiram o Prof. Francisco Gentil com a presidência honorária.

Então, num requinte de gentileza, resolveram os nossos colegas que passassem as Jornadas Médicas a denominar-se Galaico-Portuguesas e que fosse um médico de Portugal, eleito pelos portugueses, o presidente das primeiras — a celebrarem-se em Orense, terra de honrosas tradições e de brilhante história, berço de homens ilustres, como o admirável e admirado poeta Curros Enríquez, cidade obsequiosa e hospitaleira sem limites, no dizer de Alvaro de las Casas.

Com simpatia e benevolência que muito sensibilizado agradeço, delegaram em mim o honroso encargo de presidir às « I Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas ».

Só muito obscuramente, porém, conseguirei desempenhar a missão de que me incumbiram, missão particularmente difícil depois de tão alto lugar haver sido brilhantemente ocupado, nas anteriores assembleias, por Elisagaray, Goyanes e Cadarso, três dignos representantes da Medicina e da intelectualidade galegas.

E é, na verdade, estranho que, para presidir a uma reunião médica desta importância, designassem o nome de quem nunca exerceu clínica e tem passado a vida a trabalhar no silêncio de um laboratório de Anatomia.

E só encontro explicação — embora outros mais autorizados, pelo saber e obra científica, estivessem indicados — se por esta forma se quiz demonstrar que para os progressos da Medicina é indispensável uma íntima colaboração, que deve intensificar-se, entre clínicos e homens de laboratório, e se torna urgente fazer desaparecer o abismo cavado entre a ciência e a prática.

Parece que ninguém devia pôr em dúvida a utilidade e a necessidade de tal colaboração; — o certo, porém, é que, por todo o mundo, homens de laboratório e clínicos ainda hoje, por vezes, esquecendo-se de que « a cooperação é a lei do progresso », se entreolham com certa desconfiança e receio, como se fôsem rivais quando deviam ser amigos...

As Revistas de Medicina a cada passo inserem artigos em que Mestres consagrados tentam desfazer equívocos e acabar com preconceitos nefastos. E há poucos meses ainda, Sir Thomas Lewis, de Londres, expunha a boa doutrina, mostrando, na conferência comemorativa de Huxley, pronunciada na Universidade de Birmingham, o lugar que à Ciência clínica compete dentro das Universidades.

« A clínica e a fisiologia, o trabalho na enfermaria e o trabalho no laboratório são absolutamente e igualmente essenciais para se atingir os fins por que todos nos esforçamos », afirmou; repetindo, afinal, o que dissera Richet, há 40 anos: « Opor o médico ao fisiologista e o homem de ciência ao clínico significa nada termos compreendido nem da fisiologia nem da medicina ». Ideia já expressa, aliás, por Claude Bernard, quando escreveu, na « Introdução ao estudo da Medicina experimental », que para o sábio não há distinção entre Medicina e Fisiologia, mas apenas uma Ciência — a Ciência da vida; isto é, fenómenos da vida que se devem explicar tanto no estado patológico como no estado fisiológico.

Na persuasão, talvez, de que represente o emprêgo das técnicas biológicas a abdicação da Clínica perante a Biologia, alguns médicos levantaram protestos, ainda hoje os levantam, como Marcel Labbé¹ apontou recentemente, ao inaugurar, em Paris, a cadeira de Clínica médica, antes dêle ocupada por Achard e Widal.

Como caricatura da multiplicidade dos exames laboratoriais, a contrastar com a deficiência do exame directo do doente, houve já quem apresentasse a história de uma difteria escrita da seguinte maneira: « Uma criança tem uma angina; uma enfermeira faz a colheita dos exsudatos; um laboratório procede à

¹ MARCEL LABBÉ — Leçon d'ouverture (« La Presse Médicale », 23 de Janeiro de 1935).

respectiva sementeira e cultura, e encontra bacilos médios e longos; uma fórmula, na qual poderiam entrar a idade da criança e a raiz quadrada do seu peso, fixa a quantidade de sôro antidiiférico a injectar; uma nova enfermeira dá as injecções. E a criança cura — ou morre»¹.

E o médico e escritor Georges Duhamel, em conferência recente proferida em Lisboa, apreciou com muito espirito, segundo referiram as gazetas, «como o médico de hoje exerce a sua profissão sob o império da máquina, utilizando radiografias, análises e tantos outros trabalhos mecânicos que fornecem, sôbre a doença, um «dossier» completo e nem sempre seguro, esquecendo o lado humano», e afirmou que a medicina, «continuando por êste rumo, verá ressurgir o charlatanismo».

Este horror ou receio do emprêgo de técnicas e de instrumental, que os clínicos de antigas eras desconheciam, traduz se bem naquele conselho dado uma vez a Leriche por um velho tio de 95 anos, aluno de Dupuytren e antigo médico do Hôtel-Dieu de Lyon: «Olha meu rapaz, habitua-te a apreciar a febre com os dedos. Enganam menos que o cego termómetro, de que nunca me quiz servir e que é um instrumento perigoso».

Ora, afinal, as ironias ou os protestos só podem resultar de abusos cometidos, porquanto «o laboratório não se opõe à clínica; pelo contrário, faz parte dela». Os exames de sangue, as análises de urinas, fezes, secreção gástrica ou biliar, do líquido céfalo-raquidiano, as medidas de metabolismo, os exames radiológicos e histo-patológicos, etc., devem colocar-se no mesmo plano dos exames pela palpação, percussão ou auscultação (Marcel Labbé). Quer dizer, é sempre o clínico quem dirige todo o exame do doente, o qual deve ser tão completo quanto possível; quem, para isso, pede aos laboratórios os esclarecimentos que julga necessários para cabal conhecimento da physio-patologia dos órgãos e aparelhos; quem interpreta os resultados dêsses exames; quem, conjugando todos os elementos, fixa o diagnóstico e institui a terapêutica.

Daqui naturalmente se infere como é cada vez mais complexa a base de preparação geral sôbre que deve assentar a especialização clínica. E como são indispensáveis estágios prolongados em diferentes laboratórios para o futuro clínico adquirir a preparação que o habilite a julgar com critério científico e a bem interpretar os resultados das pesquisas laboratoriais.

E a resolução da maior parte dos problemas da Medicina — orientada na direcção que Claude Bernard traçou — exige, na hora presente, a estreita colaboração de individuos especializados nos vários ramos da Biologia.

Por isso, Sergent vê o futuro da Clínica ligado à criação de verdadeiros Institutos, onde trabalharão, em equipe, o clínico, o fisiologista, o experimentador, o físico, o químico, cada um em seu domínio particular, pois cada ciência tem as suas técnicas e a sua personalidade (Dustin), o seu problema especial e o seu ponto de vista determinado (Claude Bernard), mas todos em conjunto, em franca e frutuosa cooperação.

E êsses Institutos de Clínica não devem ser, afinal, os hospitais?

E êste o critério a que obedecem os planos dos hospitais modernos, construídos por forma a estabelecer a união entre tôdas as disciplinas, entre enfermarias e laboratórios, para maior proveito dos doentes e para facilitar a simbiose dos

¹ METIVET — L'esprit anatomique, l'esprit physiologique et l'esprit clinique en chirurgie («La Presse Médicale», 2 de Fevereiro de 1935).

médicos. Edifícios que sejam não apenas casas onde se tratem enfermos, mas verdadeiros centros de investigação, donde irradie a alta cultura médica.

Na França, na Inglaterra e noutros países, a tendência actual (nota Burnet, no seu relatório sobre o ensino da Medicina e a reforma dos estudos médicos) é considerar a Clínica como centro de gravidade dos estudos médicos, e transformar os hospitais em universidades especiais, que para a Clínica organizariam as ciências de que ela carece. E nesta ordem de ideas, será o professor de Clínica o centro do ensino médico. «Será elle quem melhor pode, pelo seu ensino vivo e dirigido para a prática, recordar as leis científicas, impregnar a clinica de física, de química, de anatomia, de fisiologia, de medicina preventiva e de medicina social». O professor de Clínica pode tudo, diz Burnet.

De facto, ninguém melhor do que elle poderá mostrar que todas as disciplinas do curso médico, longe de representarem fragmentos de conhecimentos destacados, se relacionam, pelo contrario, intimamente. Ninguém melhor do que elle poderá demonstrar as inter-relações do trabalho na enfermaria e do trabalho laboratorial, tanto no ponto de vista pedagógico como no ponto de vista da investigação.

Deve acentuar-se que não é só a clinica que lucra com o íntimo contacto com os laboratórios. Sabe-se quanto as observações clínicas teem estimulado e guiado as investigações laboratoriais no estudo das funções do pâncreas, do rim, das glândulas endocrínicas, do sistema nervoso, incluindo o grande simpático, do sangue, do problema do cancro, etc. O que prova a importância e utilidade do contacto dos homens de laboratório com os centros clínicos.

Como disse Sergent, «a observação clínica pode fazer nascer a idea da pesquisa experimental, como os resultados da experiência podem sugerir applicações clínicas».¹

E a norma, que vimos estabelecer-se há alguns anos com os progressos da especialização, de separar clínicas e laboratórios, de fixar os investigadores nos laboratórios, afastando-os por completo das enfermarias, e de manter longe, ou pelo menos divorciadas, do hospital as disciplinas chamadas fundamentais, já hoje se vê combatida por algumas pessoas que teem prestado a sua atenção ao estudo da reforma do ensino médico.

Todo o aprendizado deve fazer-se dentro ou junto dos hospitais, porque, por exemplo, muitas demonstrações anatómicas podem ser dadas em individuos normais ou quasi normais (doentes pouco graves); porque no ensino da fisiologia — tal como se faz na Universidade de Cambridge — as perturbações da circulação, da nutrição, das funções musculares, da respiração, da excreção, das glândulas endocrínicas, podem ser apresentadas aos alunos em doentes do hospital ou das consultas para illustrar assuntos, não de patologia, mas de fisiologia.

E Viola, de Bolonha, entende que todos os professores de Ciências de uma Faculdade de Medicina deviam ser, ou ter sido pelo menos durante dois anos, médicos de um serviço hospitalar.

Quer dizer: a nova orientação que se define indica a necessidade de cada vez mais se estreitarem os laços entre laboratórios e clínicas para maiores progressos da Ciência médica, isto é, para melhor conhecimento do Homem são e doente.

¹ EMILE SERGENT — Apologie de la Clinique.

Foi Claude Bernard — todos o sabem — quem mais se esforçou por que se transformasse a Medicina de ciência de observação em ciência experimental; quem, para tal fim, proclamou o alto valor da Fisiologia, como base indispensável da Medicina; quem, por palavras e obras, exaltou a necessidade da criação de laboratórios de Fisiologia, porquanto, em sua opinião, os hospitais, ou melhor as enfermarias, como primeiro campo, aliás imprescindível, de observação, constituem apenas o vestibulo da medicina científica, da qual o verdadeiro santuário é o laboratório, onde o médico, como homem de ciência, «procurará, por meio de experiências em animais, conhecer o que observou nos doentes, quer relativamente ao mecanismo das doenças, quer relativamente à acção dos medicamentos, quer relativamente à origem das lesões mórbidas dos órgãos ou dos tecidos».

Aplicando esta doutrina, Sergent, recentemente, na sua «Apologia da clínica» parece dividir os médicos em duas categorias, embora ligadas intimamente e por vezes coexistindo no mesmo individuo: clínicos, meros e passivos observadores das experiências espontâneas que os doentes oferecem; e fisiologistas, autênticos experimentadores, capazes de provocar activamente, em animais, experiências tendentes a resolver os problemas suscitados pela observação dos doentes.

Se assim fôsse em absoluto, a experimentação praticar-se-ia exclusivamente nos laboratórios e em animais, e o método experimental, cuja importância e domínio tanto se preconizam, nenhum cabimento teria dentro das enfermarias, simples serviço de observação clínica.

Haveria, pois, duas medicinas e duas cirurgias: de um lado, dentro dos laboratórios e utilizando animais, a Medicina experimental e a Cirurgia experimental, verdadeiramente científicas, capazes de fazer avançar os nossos conhecimentos e dignas de prender a atenção dos investigadores; do outro lado, dentro das enfermarias e junto dos doentes, a Medicina e a Cirurgia práticas, de mera observação, limitando-se a aplicar e a seguir as indicações emanadas dos laboratórios, verdadeiros santuários, na frase de Claude Bernard.

Haveria, portanto, duas categorias de médicos e de cirurgiões: os experimentadores, autênticos homens de ciência, que fariam as descobertas e enunciar-las em leis, deduzidas dos seus estudos nos animais; e os clínicos, simples práticos, cuja função seria aplicar, com maior ou menor arte, as instruções dadas pelos primeiros. Daqui, o abismo cavado entre clínicos e homens de laboratório. Era natural. Como se resignariam, sem protesto, os clínicos a passar à categoria de médicos por muito favor com mãos, mas a quem se não dava o direito de ter cabeça?

Não exagero. Em artigo recente, publicado numa revista médica francesa, li esta frase lapidar: «Para descrever o tipo morfológico de um doente, há dois métodos — um científico, outro clínico». Impossível, creio eu, dizer mais e em menos palavras.

É certo que para os progressos da Medicina, para defeza dos homens contra os ataques das doenças, a experimentação em animais, que sempre se tem praticado, é absolutamente indispensável. Ninguém o nega.

E se, por um lado, já dizia Buffon que, se não houvesse animais, a natureza do Homem seria ainda mais incompreensível, por outro lado mostra a história dos progressos da Medicina que «a partir do dia em que os médicos seguiram os

veterinários e substituíram o animal ao homem, como sujet de experiência nas suas pesquisas, o conhecimento das doenças humanas rapidamente realizou conquistas ».

O médico, porém, à cabeceira dos doentes não se encontra reduzido à categoria de mero observador.

Se assim fôsse, se nos limitássemos a observar e a medicar os doentes, seguindo apenas as indicações dos velhos mestres, não haveria, evidentemente, progressos a registar na Medicina.

Conta-se que Margarida de Foix, doente, em Saluzzo, mostrara um dia desejo de comer uma laranja. O seu médico, porém, o célebre cirurgião Baptista de Rapallo, horrorizado, opoz-se enèrgicamente e declarou que preferia morrer a consentir que a illustre enferma comesse um fruto ignorado dos antigos. E acrescentam velhos livros que a gentil Senhora, sentada no seu castelo, passava longas horas a passear seus olhos tristes por campos e montes, a pensar, talvez, na terra distante onde florescia a laranjeira, cujo fruto a não deixavam saborear, por Galeno não o haver citado nas suas obras.

Ora, a experimentação no Homem — com o fim de saber como as doenças se contraem, propagam, evitam ou curam —, embora a consciéncia do público e dos médicos a possa condenar, sempre se praticou e continua a praticar diàriamente. A ela se devem, por exemplo, os beneficios da vacinação, da assépsia cirúrgica e da anestesia. E, para citar factos recentes e de casa, lembrarei os trabalhos de Egas Moniz, Lopo de Carvalho e Reynaldo dos Santos e seus colaboradores, respeitantes à arteriografia cerebral, pulmonar e da aorta e seus ramos.

Nas investigações relativas às doenças humanas, se o ponto de partida é a observação minuciosa do doente, o trabalho final deve fazer-se também no próprio Homem. Só numa fase intermediária, como refere Lewis, as investigações incidem em animais.

A experimentação em Medicina compreende, portanto, duas fases: estudos cuidadosos em animais; e, depois, estudos executados no próprio Homem.

Porque o Homem não é igual aos animais. E, assim, ensaios de medicamentos, emprêgo de novas técnicas operatórias (embora após conscienciosas pesquisas em animais) constituem, de facto, quando applicadas ao Homem, verdadeiras experiências.

Além disso, os animais empregados são sãos; em Clínica, ensaiam-se métodos terapêuticos em individuos doentes; em condições, por consequência, muito diversas.

Além de que, para investigar grande número de fenómenos que se observam perfeitamente nos doentes, dispensam-se os animais.

As operações, por exemplo, não são, afinal, experiências, verdadeiras observações provocadas? Por isso, Leriche afirma que as salas de operações são as mais belas instalações de cirurgia experimental que pode ambicionar o cirurgião e onde pode estudar muitos problemas.

Ora, se há ensaios de pequena responsabilidade, há outros perigosíssimos. Citam-se as célebres experiências de Jenner com o vírus da vacína e as de Pasteur com o vírus rábico vivo. Quem podia assegurar o bom resultado dos primeiros ensaios feitos no Homem? Avaliamos as vivas e cruéis inquietações de Pasteur quando se decidiu a inocular o pequeno José Meister. Mas quem condenará a audácia daquelles experimentadores geniais?

Para o estudo de métodos profiláticos ou terapêuticos, pode ser necessário, como salienta Nicolle, reproduzir a própria doença.

E, por vezes, nenhum animal convêm e só o próprio Homem pode servir, quer nos casos de doenças especiais à espécie humana, quer nos casos em que a doença — embora de possível reprodução em animais — se comporta no Homem de maneira particular.

Deve o médico empreender as experiências necessárias para adquirir métodos novos de profilaxia e tratamento ou, perante resultados duvidosos, abster-se?

Entende Lewis que as experiências judiciosamente escolhidas e bem conduzidas são, em geral, benéficas; sempre se fizeram e sempre se hão de fazer, porque são essenciais ao progresso. A experimentação no Homem (há quem afirme) «est mème un devoir quand tous les moyens normaux ont été épuisés», contanto que dela não resulte qualquer prejuizo para o doente.

Só o saber, a prudência e a consciência do experimentador podem impedir audácias perigosas; só o médico, cónscio das suas responsabilidades, decidirá do que mais convêm fazer para melhor desempenhar a sua elevada missão de velar pela saúde dos homens e proteger a colectividade contra o perigo das doenças.

Do que deixo dito, podem tirar-se duas conclusões: a primeira é que são muito graves as responsabilidades daqueles que tratam os doentes e estudam as doenças e que muito cuidada tem de ser a sua formação científica e moral. Porque (diz Lewis) não devem fugir a essas responsabilidades, abstendo-se da experimentação no Homem; mas sim executar experiências que estejam indicadas, que não prejudiquem, que se sejam, pelo contrário, úteis aos doentes e façam avançar os nossos conhecimentos de patologia e de terapêutica.

E a segunda é que todo o clínico, no desejo de contribuir para o progresso da Ciência médica, pode ser um experimentador¹.

E não percamos de vista que o método experimental preconizado por Claude Bernard, e cujo valor, como disciplina intelectual, tem sido salientado por muitos autores, não exige apenas que se façam experiências, mas, sobretudo, que se adquira o espírito de análise objectiva e crítica; porque afinal, como escreveu o grande fisiologista do Colégio de França, «o método experimental, considerado em si, não é senão um raciocínio, à custa do qual nós submetemos metódicamente as nossas ideas à experiência dos factos».

Mas no exercício da Clínica, o médico, para triunfar, para bem exercer a sua missão, tem de abarcar a personalidade inteira do doente. Não deve esquecer o seu estado moral. Recentemente ainda, Métivet e Vaquez mostraram não ser indiferente para os efeitos da terapêutica a boa disposição ou o receio do paciente.

Julga o primeiro não serem coisas semelhantes — embora os exames laboratoriais forneçam resultados análogos — estender na mesa de operações uma fibromatosa aterrorizada, ou extirpar o fibroma de uma mulher que, tranquilamente, pede que lh'o tirem. E lembra que Crile, para fixar a hora das suas tiroi-

¹ A propósito da experimentação no Homem, vide:

CHARLES NICOLLE — L'expérimentation en Médecine. Paris, 1934.

THOMAS LEWIS — Clinical Science within the University (*The Lancet*, 30-III-1935).

CLAUDE BERNARD — Introduction à l'étude de la Médecine expérimentale.

dectomias, liga tanto valor ao estado moral dos seus doentes como aos resultados fornecidos pela pesquisa do metabolismo basal¹.

Por isso, Pende, o grande clínico de Génova, há pouco salientou quanto importava, para resolução dos problemas clínicos, o médico aliar à ciência a arte de conquistar a alma do doente.

As palavras de Métivet e de Pende vieram acordar na minha lembrança algumas frases que li, há anos, no belo tratado de Benedicenti, sobre «Malati, Medici e Farmaceuti».

Ao referir-se aos milagres de Cristo—de que na vossa catedral se venera imagem maravilhosa, da qual o sábio arqueólogo Gomez Moreno disse que nunca vira, nem acreditava que no mundo houvesse, outra como aquela,—ao referir-se aos milagres de Cristo e às tentativas de alguns autores para os explicar cientificamente, escreveu o farmacologista de Génova: «só direi, com Renan, que o contacto de uma pessoa sublime vale muitas vezes, para curar, mais do que os recursos de uma farmácia inteira; o prazer de vê-la dá saúde. E Jesus (como escreveu o mesmo Renan), que não poderá ser ultrapassado e que preside ainda hoje aos destinos do mundo, Jesus, que desferia o seu verbo sentado na beira de um poço ou nas tábuas de um barco, fez o milagre de curar o enfermo, servindo-se do maior dos fármacos: o gesto que acaricia, o olhar que dá coragem, a palavra suave que conforta e abre o coração à esperança. E andando entre a turba, levava consigo o mais nobre remédio para as dores do homem: o amor e a bondade!»

E o médico, no exercício da sua profissão, para ser tão completo quanto possível, deve ter, como já li algures, cabeça, mãos e coração, isto é, ciência, arte e caridade.

E não escreveu Albert Laprade, que, por certo, em breve chegará o dia de sonharmos com hospitais, em que tudo seja «Beleza e Bondade»?

Meus Senhores:

É tempo de concluir.

Depois da última reunião de Lugo, perderam a Espanha e Portugal médicos ilustres, de alguns dos quais vou pronunciar os nomes, pois, embora ensombre este ambiente de festa, não devo deixar de prestar à memória de colegas que tanto dignificaram a ciência que cultivamos a piedosa homenagem de algumas palavras de saudade.

Já não vive o presidente das I Jornadas Médicas, Dr. Elizagaray.

Em Dezembro de 1933, tombou Roberto Nóvoa Santos que foi, no dizer de Marañon, «arquetipo de la gran generación médica de la preguerra; la que trajo a la medicina española el aire impetuoso de fuera, el rigor en la investigación, la claridad en el método». E poucos dias depois chorava a Medicina galega a trágica morte de Cadarso e Bacariza.

Em Portugal, entre outros, perdemos inesperadamente Simões Raposo, arrebatado em breves dias por uma septicemia, consecutiva a picada anatómica no laboratório em que trabalhava. Vítima do seu culto pela investigação, sumiu-se no vigor dos anos e na pujança das múltiplas qualidades que o distinguiam.

¹ Vid. *La Presse Médicale*, 2-II-1935.

E em Outubro passado, não só a Espanha, mas a ciência do mundo inteiro ficaram de luto com o falecimento de Ramón y Cajal.

A Elizagaray, Nóvoa Santos, Cadarso e Bacariza, muito deveram os Dias Médicos da Corunha, Vigo e Lugo. Pronunciando os seus nomes, rendo homenagem à velha e gloriosa Universidade de Santiago, que dedicadamente serviram e de forma tão distinta ilustraram, e exprimo a minha elevada consideração pela Medicina galega que eles, mercê do continuo esforço do seu trabalho inteligente, sempre timbraram em exaltar.

Evocando a memória de Simões Raposo, recorro a sua obra científica de real merecimento e, sobretudo, a campanha tenaz, persistente, sem tréguas nem vislumbres de esmorecimento, em prol da renovação dos métodos pedagógicos e da intensificação da investigação científica nas Universidades portuguesas. Teve a felicidade de assistir ao triunfo da sua causa, vendo criada a «Junta de Educação Nacional», de que foi devotadíssimo Secretário, — e posso, sem exagêro, dizer: de que foi a alma —, organismo cuja finalidade e acção, desenvolvida desde 1929, tive ensejo de explanar em conferência realizada, no ano passado, no Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de Santiago.

Quem tão dedicadamente serviu o seu país, pugnando por valorizá-lo perante os centros cultos do estrangeiro; quem tanta admiração nutria pela obra magnífica da «Junta de ampliación de estudios y investigaciones científicas» de Espanha, a ponto de conseguir em Portugal (colaborando com outros distintos professores nossos) a criação de organismo semelhante, bem merece que nesta oportunidade, em que médicos portugueses e espanhóis se encontram reunidos na presença de ilustres representantes das Universidades dos dois países, evoquemos a sua memória com enternecida saudade — expressão do «desejo de que para sempre durasse o que houve de passar com o tempo e as cousas, no desfilar dos homens», na definição de Aloysio de Castro.

Finalmente, pronunciando o nome de Ramón y Cajal, eu quero prestar a minha homenagem à Espanha, sua pátria, e à Ciência, cujo valor o grande Mestre tanto exaltou, consagrando-lhe a sua vida, larga e fecunda.

Ojalá tão belo exemplo seja o estímulo que leve os novos de Espanha e de Portugal a lançarem-se afoitamente no trabalho científico original, para, assim, dignificarem os dois países irmãos, e, dessa forma, provarem ao Mundo que as inteligências peninsulares são tão capazes, como quaisquer outras, de ampliar o património intelectual.

Faço votos por que as Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas, que nesta hora inauguramos, — pelo valor e variedade dos trabalhos apresentados e pela troca de impressões e ideias entre colegas de tão elevada categoria profissional e científica — possam eficazmente contribuir para que se atinja aquele ideal, expresso pelo sábio histologista cuja vida, longa e frutuosa, inteiramente dedicou ao culto da Ciência, que serviu com modelar solicitude, e ao amor da Pátria, que tanto ennobrecceu.

Todavia, neste momento não recai a minha atenção exclusivamente sobre as descobertas de Cajal no domínio da histologia do sistema nervoso. Deve ser mais vasta a acção da sua obra, a acção do seu exemplo.

A história da Medicina vou buscar um episódio que, melhor do que quaisquer palavras, traduzirão o meu pensamento.

Galeno — observador meticuloso e experimentador de assombrosos recursos, o primeiro a compreender que a doença é uma lesão da função — deixou-nos uma grande obra, fruto da sua inteligência privilegiada e do seu infatigável labor.

Não atenderam, porém, as gerações que lhe sucederam ao método de investigação e de trabalho do médico de Pérgamo, mas apenas aos factos que descreveu e, sobretudo, às teorias, por vezes extravagantes, que formulou. E deram-se por satisfeitos.

A obra de Galeno teve, pois, efeito paradoxal. A Medicina, em vez de progredir, estagnou durante séculos, até que Leonardo de Vinci e Vesálio se decidiram a estudar como Galeno havia feito, empregando o método de análise objectiva e crítica, sem o qual nenhum avanço é possível no campo das ciências da natureza.

Por isso, é muito pouco quedarmo-nos a admirar a obra de Cajal; é necessário seguir, com entusiasmo e fé, o exemplo da sua vida de trabalho e de estudo.

E aos novos que vieram tomar parte nestes Dias Médicos, lembremos-lhes quanto confiava o sábio espanhol na disciplina da vontade para se triunfar na carreira científica, convencido — alentadora esperança para aqueles a quem a obra dos sábios intimida! — de que o trabalho perseverante cria o talento e pode compensar deficiências das aptidões naturais.

Creio que a presença dos novos nesta assembleia traduz a vontade que os anima, o belo ideal que os conduz. E assim, garantida a sequênciã do trabalho, podemos confiar nos frutos do nosso labor comum e prever a importância e brilho das Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas que muito devem contribuir para elevar o prestígio da Medicina peninsular.

São estes os meus votos.

Tenho dito.



Dr. Hernani Monteiro



Dr. Marck Athias



Dr. Amândio Tavares



Dr. Maximino Correia



Dr. J. L. García Boente



Dr. Pena Rey



Dr. C. Diz Y Lois



Dr. Vásquez de Parga

Thiermol

Suspensão coloidal de HgS, absolutamente INDOLOR.

4 doses: Infantil, A-B-C respectivamente a 0,5 1,2 e 3 centgs. por c. e.

Por ser *indolôr* e não produzir a menor reacção local ou geral o THIERMOL é o único produto ideal para o tratamento anti-sifilítico pelo mercúrio.

Em injeções diárias intra-musculares

Oximuthol

Hidroxido de bismuto em suspensão oleosa contendo 0,16 de Bi (OH)³ e 0,1292 de BI metal por emp. de $2\frac{1}{2}$ c. e.

Sem nenhum insucesso até hoje conhecido, o OXIMUTHOL dotado de uma acção espirilicida mais duradoira triunfa nos casos de mercúrio e arsénio-resistência com óptimos resultados.

Em injeções intra-musculares profundas (3 por semana).

Néonesol

Salicilarsinato de mercúrio em solução isotónica sensivelmente indolor, sem anestésico.

Cada ampola de 2 c. e. contém 0,06 gr. do produto.

Como composto arseno-mercurial o NEONESOL tem também o seu lugar marcado na terapêutica anti-sifilítica em que é geralmente bem aceite.

“ELBA”

87, R. Martires da Liberdade - PORTO

— Laboratório de Biologia Aplicada —

**Para evitar a caspa
e a queda do cabelo**

use

Jaborandine

LIVRARIA

Lopes da Silva

101, RUA CHÃ, 103

PORTO

TELEFONE 678

**LIVROS — A prestações semanais de 5\$00
com Bonus ou a dinheiro.—
Preço de cada Catalogo ao
cambio do dia da encomenda.**



**Medicina, Engenharia, Farmacia, Ciencias,
Filosofia, Filologia, Literatura,
Romance, etc.**

**Correspondencia com os principais
centros editoriais do mundo.**



Nervos exaustos

Quando algum desgosto moral origina um estado de profundo abatimento, um sobresalto constante e uma grande insonia, é sinal de que os nervos estão cansados e gastos.

Porque não experimenta um medicamento, que tendo propriedades narcóticas, é ao mesmo tempo um perfeito sedativo do sistema nervoso. A sua composição, ácido acetilo-salicílico com Alucol, permite que se possa tomar maior dose deste producto do que a geralmente adoptada para outros antipiréticos. Pessoas de estomago fraco podem toma-lo sem receio e ter a certeza de que a sua acção sedativa é mais reforçada.

Tem-se empregado com exito em casos de reumatismo articular e muscular, influenza, gripe, pleurisia seca, resfriamentos, nevralgias, dor de dentes, etc.

ALCACYL

WANDER

Dr. A. WANDER, S.-A., Berne

À venda em todas as Farmacias e Drogarias a 18\$00

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a IRMÃOS

RUA DOS CORREIROS, 41, 2.^o

LISBOA

Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas

Contribución de los médicos de Galicia

Con el mayor esplendor, que sobrepasó las aspiraciones del Comité organizador, celebráronse en la bella Ciudad de Orense, los días 26, 27, 28, 29 y 30 de Septiembre, las «Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas», tan dignamente



Sesión inaugural de las Jornadas Médicas, bajo la presidencia del Gobernador civil interino de Orense, que representaba el Gobierno Español.

De la izquierda a la derecha: Dr. García Boente, Dr. Peña Rey, Consul de Portugal en Orense, Delegado de Hacienda, Prof. Henrique Parreira, Prof. Hernani Monteiro, Prof. Almeida Garrett, Alcaide de Orense, Gobernador civil interino de Orense, Gobernador militar, Prof. Novo Campelo, Presidente de la Diputación, Prof. Marck Athias, Dr. Regueiro Lopez, Prof. Amandio Tavares e Dr. Diz y Lois.

presididas por el Prof. Dr. HERNANI MONTEIRO, de la Facultad de Medicina de Oporto.

La Providencia, en su afán de que reine profunda amistad entre los pueblos hermanos, hizo que aquellos días discurrieran alegres y sonrientes, vistiendo al Astro Rey con sus más esplendorosas galas otoñales.

Inauguráronse, con el salón del Teatro Losada rebosante de expectadores,

a las 11 de la mañana del día 26, con un acto solemne, majestuoso, en cuyo preámbulo dejáronse oír los acordes de los Himnos nacionales de los allí reunidos y en él que pronunciáronse brillantes discursos por los Dres. GARCIA BOENTE, ALMEIDA GARRETT, HERNANI MONTEIRO y NOVO CAMPELO, todos admirables y plenos de sentimiento, cantando las glorias portuguesas y gallegas y estrechando más y más los lazos de unión luso-galaicos que culminaron en un tierno y fraternal abrazo, símbolo de perpétua amistad entre Galicia y la vecina República Portuguesa.

Palabras profundamente sentidas fueron dedicadas a las personas de los eminentes gallegos CADARSO, ELISAGARAY, NOVOA SANTOS, BALTAR y BACARIZA, tanto por los portugueses como por los gallegos, haciendo revivir el recuerdo de aquellas glorias de la Medicina que jamás se borrarán de nuestra mente.

Por fin, el representante del Gobierno español que presidía el acto, con elocuentes y emocionantes palabras, dió por inauguradas las Jornadas Médicas, en las que iban a colaborar por la Ciencia, sin distingos fronterizos, tantos hombres hermanos.

No tuvieron menor solemnidad las sesiones científicas celebradas en los amplios salones del Liceo Recreo Orensano.

Dejando aparte la valiosísima aportación de nuestros Colegas lusitanos, cuya exposición fué encomendada a un compañero portugués, debo citar en primer término la interesante y concienzudamente estudiada Ponencia de los Dres. GARCIA BOENTE, FERNANDEZ CID, HERNANDEZ ANDUEZA y FREIJANES MALINGRE, Inspectores provinciales de Sanidad de Orense, Coruña, Pontevedra y Lugo respectivamente, que trató de los problemas de más actualidad de nuestra región «Particularidades de la Sanidad y de la Asistencia Pública en las regiones de población diseminada — tipo Galicia».

Fué leída ante numerosa concurrencia que la escuchó con sumo interés, siendo aprobada por aclamación y felicitados los ponentes por compañeros portugueses y gallegos.

Las conclusiones a que llegaron fueron las siguientes:

1.º — La morbilidad y mortalidad por infecto-contagiosas, en las regiones de población diseminada es francamente más baja que en las regiones de población agrupada. — Las pocas excepciones que se ofrecen son debidas a otras circunstancias y no por, sino a pesar de la diseminación de la población.

2.º — La menor mortalidad general de Galicia con relación a la media de España y a la de la Meseta Central, se halla influida por la menor natalidad y por las menores mortalidades infantil y por infecto-contagiosas.

3.º — Los problemas generales de orden higiénico, tales como los abastecimientos de aguas, evacuación de excretas, vivienda, etc. son de muy difícil solución en las regiones de población diseminada. Es preciso acometerlos de una manera práctica y sencilla, compatible con las características de cada comarca y con las actividades agrícolas de los campesinos. Especialmente por lo que se refiere a la prevención de enfermedades de origen hídrico, es preciso pensar más en las inmunizaciones activas que en el saneamiento de fuentes, aunque esto último se deba hacer también con la máxima intensidad y celeridad posibles.

4.º — La diseminación de la población ofrece enormes dificultades para garantizar una asistencia médica eficiente, que en Galicia es actualmente deficientísima.

5.º — Los Centros de Higiene rural son en Galicia, como en todas partes,

los más importantes organismos para hacer medicina social preventiva, aunque sea preciso adaptarles a las condiciones características de la región.

6.º — Una ó más escuelas de Higiene rural (tipo Zagreb) serian utilísimas en las regiones de población diseminada.

7.º — Es necesario para resolver, ó cuando menos para mejorar, los problemas de asistencia y los problemas sanitarios, el pronto establecimiento en España del seguro social de enfermedad, aunque con la flexibilidad necesaria para adaptarlo en ciertos detalles a las peculiaridades de cada región, especialmente a las de población diseminada como Galicia.



Los Jornadistas en el Monasterio de Osera

Interesantísima la conferencia del Prof. Dr. PEDRO PENA PÉREZ, de la Facultad de Medicina de Santiago, desarrollando el tema «La pelagra en Galicia», a cuyo estudio viene dedicándose desde hace muchos años por constituir una de las características más salientes de la patología regional gallega.

Hace una soberbia exposición clínica de la enfermedad, haciendo resaltar su triada sintomática sintetizada en las tres D. D. D. iniciales de dispepsia, dermatitis y demencia. Señala los focos más importantes de Galicia en que reina endémicamente y son Caldas de Reyes, en la provincia de Pontevedra, y Santa Comba, en la de Coruña. Relaciona su patogenia con la alimentación insuficiente en vitaminas, haciendo una clara exposición del factor B₂ del complejo vitamínico B estudiado por GOLDBERGER y que obtuvo en estado puro el profesor KUHN, de Heidelberg. Sin embargo, este factor, que abunda también en las flavinas, no muestra carácter curativo alguno como tampoco el factor B₆ encontrado en la levadura de cerveza por GYORGY, si bien tienen un carácter preventivo muy manifiesto. Relaciona la patogenia de la enfermedad con la alimentación continuada con maíz, alimento de difícil digestión y que muchas veces se ingiere en malas condiciones de conservación, llegando a la conclusión que este régimen alimenticio determina trastornos digestivos que son los primeros en manifestarse en estos enfermos y cuyos trastornos impiden la buena

asimilación de los factores vitamínicos preventivos de la pelagra que a su juicio viene a ser una avitaminosis endógena ya que aun ingiriendo dichos factores no pueden pasar a la economía del individuo.

El conferenciante fué muy aplaudido y felicitado por la numerosa concurrencia que le escuchaba.

Muchas y muy interesantes fueron las comunicaciones presentadas en estas Jornadas. Las doce de carácter oficial fueron magistralmente desarrolladas por los Dres.:

SANTOS ASCARZA — «Invaginación intestinal en el adulto».

MARESCOT IGLESIAS — «Hemicolectomía derecha en dos tiempos».

EMILIO ZAPATERO — «Necesidad urgente de la organización de los abastecimientos de leche».

LORENZO GIRONÉS — «El complejo de coagulación en la tuberculosis pulmonar».

VILLAR IGLESIAS — «Algunas observaciones de resección endoscópica de la próstata».

VIVANCO BENGOA — «Infiltraciones e infiltrados pulmonares».

GARCÍA BAQUERO — «Paralelo entre la tuberculosis laríngea y pulmonar, en sus formas, localización y evolución» (En colaboración con el Dr. URGOITI).

CÁNDIDO RASILLA — «Tratamiento de la diabetes sacarina».

SOUTO BEAVIS — «Relaciones entre sífilis y cáncer».

ADRIÓ MATEO — «El problema del automatismo cardíaco».

GASALLA — «Extracción intracapsular de la catarata».

AREAL HERRERA — «Problemas que plantea la lucha contra la mortalidad infantil en Orense».

Todos han llegado a conclusiones de gran trascendencia, las cuales no puedo transcribir en este artículo que se haría interminable y que en breve podrán verse en el libro de actas próximo a publicarse.

No menos importantes fueron los trabajos presentados libremente por los Jornadistas gallegos, como puede apreciarse por los títulos y sus autores que son los siguientes:

HERNÁNDEZ ANDUEZA — «Sobre la contagiosidad de la Lepra».

«El tratamiento de la lepra con el azul de metileno. — Referencias clínicas y hechos histológicos».

«Berecheros y fiebre tifoidea».

MESTRE MEDINA — «Tres orientaciones en el estudio de la herencia humana y sus aplicaciones eugenésicas».

PEÑA REV — «Contribución al estudio de las roturas uterinas (dos casos clínicos)».

DIZ Y LOIS — «Los cultivos bacterianos en agitación continua».

VARELA GIL — «Estudio sobre las leucemias — Leucemia de mielogonias».

«La imagen anatómica de la malignidad de los tumores».

«Sobre enfermedad de Nicolás Fabre».

«Endotelioma de la lengua».

ECHEVERRÍ — «Linfáticos profundos del riñón».

«Contribución al estudio de la teratología».

PÉREZ HERVADA — «Sobre unos casos de ginecomastia».

- GARCIA PEREZ — «Un curioso caso de ectopia renal».
- REGUEIRO LÓPEZ — «Tipos anatómicos de vesícula biliar».
- «Diagnostico de la litiasis biliar según nuestra técnica colecistográfica».
- ALFREDO CAÑIZO — «La herencia y el contagio de la lepra en el Ayuntamiento de Beariz».
- «Dificultades diagnósticas de la perforación gástrica (consideraciones sobre tres casos clínicos)».
- «Un caso de absceso de pulmón, tratado por el alcohol de 90° en solución glucosada isotónica al 22 0/0».



El Palace Hotel de Vidago,
en donde fué servido a los Jornadistas un gran banquete.

- GONZALO GURRIARÁN — «Sobre el tratamiento de la úlcera gastroduodenal con aminoácidos».
- «Estudio experimental sobre la patogenia de la colitis ulcerosa».
- «Efecto de los enzimas pancreáticos sobre la mucosa del colon».
- SIERRA FORNIÉS — «Una contraindicación a la artrodesis de cadera por colgajo ilíaco».
- «Absceso subdiafragmático izquierdo simulando radiologicamente un tumor de estómago».
- «Un caso de púrpura abdominal diagnosticado y operado como abdomen agudo por apendicitis».
- GARCIA CABEZAS — «El neumotorax en la tuberculosis pulmonar».
- GÓMEZ PEREIRA — «Ensayo de patogenia de la Albuminuria ortótica».
- ALVAREZ DE LA CRUZ — «Influencia del tratamiento antisifilítico en la evolución de algunas neoplasias malignas (a propósito de tres casos de epiteloma laríngeo)».

«El síndrome de Magny y su fácil confusión con la tuberculosis pulmonar».

ENRIQUE SEÑORANS — «Atrofia del nervio óptico consecutiva a la inyección intravenosa masiva de alcohol».

«Los dos primeros años de funcionamiento del servicio de Higiene escolar en Pontevedra».

VIVANCO BENGOA — «Un caso de caverna yuxtahiliar».

VIVANCO, BUSTELO Y SUEIRO — «Algunos datos de las investigaciones familiares en el Dispensario Antituberculoso».

LÓPEZ TRASANCOS — «Un caso de Tuberculosis primitiva de nariz».

RAMÓN DE CASTRO Y VIDAL ANTONIO — «Autoantivirustherapia endobronquial».

POZ PASTRANA — «Sistema nervioso vegetativo y climaterio».

ANGEL M. DE LA RIVA — «El hemograma obtenido por punción esternal en el cadáver».

«Las alteraciones capilares en los riñones de los animales intoxicados por el sublimado».

«La pelvimetría en relación con el volumen fetal».

«La mis abortium en la muerte fetal».

CASARES BESCANZA — «Diagnóstico y profilaxis de la Tuberculosis».

GONZALEZ SIERRA — «Del tratamiento del estrabismo».

«Goma orbitario (Caso de sífilis ignorada)».

LUIS SOBRINO — «Exposición de un caso de rotura espontánea de útero durante el parto».



Prof. ANGEL JORGE ECHEVERRI

NOGALES PUERTAS — «Función del perito médico en los accidentes del Trabajo».

FERNANDEZ. OBENZA — «Un caso de virilismo precoz de origen suprarrenal».

PEDRO SEOANE — «Complicaciones oculares de la gripe».

TRONCOSO — «Relación de la tuberculosis pulmonar y de la osteomielitis tuberculosa».

ADRIO MATEO — «Concepto actual de la insuficiencia cardíaca».

«Un nuevo signo de las llamadas neurosis vasomotoras».

SALÓN DE LA HOZ — «Alergia y bioterapia en la úlcera blanda de Ducrey».

SALÓN DE LA HOZ — «Presentación de un caso de enfermedad de NICOLÁS FABRE».

«Contribución al estudio de la alergia en la gonococia (La reacción de Bruch)».

PARDO BABARRO — «El glaucoma en sus relaciones con la patología general».

ZUNZUNEGUI FREIRE — «Sobre una posible etiopatogenia del lumbago traumático».

COBAS NUÑEZ — «El radiodiagnóstico en las vías urinarias».



Prof. NOVO CAMPELE

El último día celebróse en el Paraninfo de la Universidad gallega un solemne homenaje al tan querido maestro, tragicamente desaparecido, Dr. RODRIGUEZ CADARSO, en el que tomaron parte el Rector de la Universidad, Dr. MONTEQUI, los Dres. GARCIA BOENTE, JORGE ECHEVERRI, el Presidente de las Jornadas, Prof. HERNANI MONTEIRO, y FIDELINO DE FIGUEIREDO, todos con sus elocuentes y sentidos discursos hicieron resaltar la personalidad del inolvidable CARDARSO no solo en su valor científico sinó también como verdadero iniciador de la corriente científica y de amistad entre gallegos y lusitanos que tanto vino estrechando en sus últimos tiempos y merced al cual se celebraron estas Jornadas, que hasta ahora eran Médicas Gallegas, con el carácter de Galaico-Portuguesas, previendo aquel gran hombre el ruidoso éxito que habian de tener, al colaborar en ellas pueblos que siempre seguirán siendo hermanos.

Tuvo lugar seguidamente la sesión de clausura, en la que por aclamación fueron aprobadas las siguientes conclusiones:

1.º — Que las próximas «Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas» se celebren en Portugal en la Ciudad de Oporto en el año 1937.

2.º — Que el Presidente de las Jornadas sea un Médico gallego.

3.º — Que la elección del Presidente de las Jornadas se realice por representantes de la Facultad de Medicina de Santiago, de los cuatro Colegios Médicos oficiales de Galicia y de las dos Academias de Medicina de La Coruña y Vigo, los cuales designarán también los trabajos oficiales que a ellas presentará Galicia y sus autores.

4.º — Que la Facultad de Medicina de Oporto tendrá amplios poderes para organizar dichas Jornadas y designará el Comité organizador de las mismas.

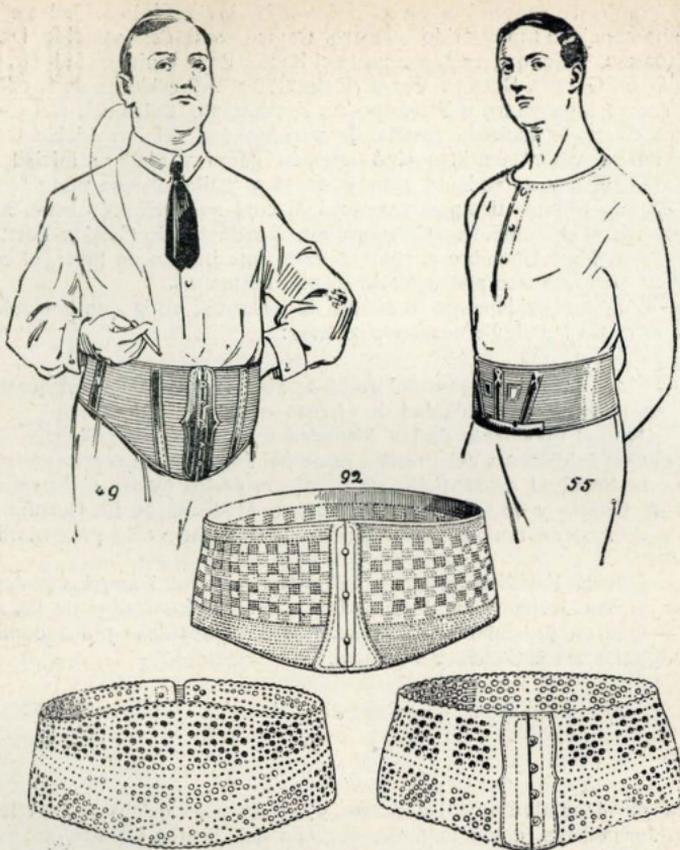
5.º — Que en principio serán suficientes dos ponencias y dos conferencias a partes iguales entre Galicia y Portugal.

*
* *
*

Para terminar diré que las fiestas y excursiones celebradas en honor de los Sres. Jornadistas, como la fiesta de Gala del Teatro Losada, la gran Cena americana en los salones del Liceo Recreo Orensano, el Té ofrecido por la Sociedad Club Orensano, la excursión y fiesta campestre en el Monasterio de Osera y las visitas y agasajos recibidos en los balnearios de Verin, Vidago y Pedras Salgadas resultaron brillantísimas, haciendo votos de que esta cordial amistad sellada tantas veces en numerosos brindis durante estos cinco días, que para todos pasaron con la rapidez de un relámpago, perdure eternamente en los términos que aquí reinaron ya que al parecer no pueden ser superados los lazos de afecto que tan estrechamente nos unieron.

Octubre de 1935.

El Secretario General,
C. DIZ Y LOIS.



Modêlos práticos exclusivos de A POMPADOUR

Indicados para os homens que começam a aumentar o ventre
e para aqueles que fazem sport e automobilismo.

Magníficos para combater a obesidade e ptoses do abdómen

Preços desde 80\$00

CASAS DE VENDA

LISBOA

A POMPADOUR

28 — Chiado — 30

PORTO

ARMAZENS DA CAPELA

70 — R. Carmelitas — 76

Os portugueses nas Jornadas Médicas de Orense

Notas de um Congressista

.....
; Galicia frorida!
Cal ela ningunha,
De froles cuberta,
Cuberta de espumas;

De espumas qu'o mare
Con pelras gomita;
De froles que nacen
O pé d'as fontañas
.....

ROSALIA DE CASTRO — *Cantares
Gallégos.*

A Galiza e o Minho!... que no dizer do saudável poeta regionalista, JOÃO VERDE, «são como dois namorados — Que o rio traz separados», diluídas pelo desgaste do tempo as pugnas e as ambições daqueles reis que dividiram artificialmente as duas províncias gémeas, não desataram, contudo, os laços indissolúveis do coração.

«Deixá-los, pois namorar, — rematou o mavioso cantor dos *Ares da Ráia* — Já que os pais para casar, — lhes não dão consentimento».

Portugal quis esquecer esta desventura; debruçou-se sobre o mar e, depois de profunda meditação, remou ao largo, a cumprir os fados do seu Destino.

Na sua alma inquieta e viril, acalentou um sonho, uma alvorada nova. O sonho tornara-se realidade. Surpreendeu o sol no Oriente, acompanhou-o nas alturas e, numa apoteose de luz, seguiu-o até os confins remotos do Ocidente.

A História das civilizações imprimiu o avatar inegalável, em páginas de bronze, na matriz imorredora da epopeia de Camões.

A ditosa Pátria assinalou, assim, o valor de seus filhos que, desde muito cedo, vincaram as características fortes da individualidade da Raça, do único povo que, na Península, conseguiu manter sempre viva a chama sagrada da Independência.

A Galiza, porém, enquistada nos limites actuais, não perdeu as suas afinidades étnicas e guarda religiosamente, sobre o mesmo canteiro e debaixo do mesmo firmamento azul, a pureza das tradições, usos e costumes, dos seus irmãos daquém Minho.

Fecundo e laborioso, o povo da Galiza, como o nosso, sente apaixonadamente a nostalgia do rincão natal e a sedução da aventura:

.....
Dicen que como ó Miño, ó nosso povo
N'a terra donde nace quer morrer;
Pero ó sono d'o rio é sosegado
Y-o d'este non o é.

.....
 A civilización y-as anduriñas
 D'unhas terras pr'as outras van é vén
 Querer que non emigren e matalas
 O mesmo vem a tēr. (*)

Na beleza mágica de seus rios e na frescura de seus prados, rociados pela espuma do mar e tão iguais aos saudosos campos lusitanos, os versejadores galegos encontram o sentimento místico do seu formoso cancionero regional. Terra de poetas e artistas, de filósofos e pensadores, de sábios e políticos, a Galiza nunca perdeu o contacto com Portugal.

Uma das características da actual poesia galega, como frizou o eminente homem de letras, OTERO PEDRAYO, é o seu amor ao país irmão.

Um dia, já muito distante, AFONSO LOPES VIEIRA escreveu, na revista de estudantes, *A Tradição*, a inspirada poesia — *A' Galiza* :

Ó Galiza, Galiza dos verdes prados,
 tam irmãos dos nossos, por Deus abençoados,
 — deixa Castela e vem a nós!

.....

Ó linda Galiza dos cantares sentidos,
 — se és tam longe deles, vem aos teus amigos,
 deixa Castela e vem a nós!

A êste sorriso correspondeu um poeta galego, AMADOR MONTENEGRO SAAVEDRA, com outra encantadora produção — *Ven e xuntos...* :

Ou! Portugal, ó da groreosa hestórea,
 Do que fuches un día fai mamorea

.....

Ven e xuntos de novo
 Rexurdirá na hestórea aquel gran pobo
 Que cando nos lindeiros xa non coupo,

Con esforzo potente
 Esborrallou fronteiras e valente
 Facer de un mundo seus lindeiros soupo.

Dilacerada pelos espinhos da saúde e da incerteza, a Galiza canta e chora a Dúvida do seu amargurado Destino.

«A alma de Castela — disse, recentemente, PAULO BRAGA — não tinha, porém, o mesmo *clima* que a alma da Galiza. E esta esqueceu o seu idioma, como segrel que abandonasse a lira.

E, sem voz, deixou de cantar. Seis séculos de silêncio, desde os trovadores ao gosto provençal, poetas dos *cantares de amigo* e dos *cantores de mal dizer*, até o século XIX, em que a Asamblea de Lugo gritou o *surge et ambula* do regionalismo galego...».

(*) CURROS HENRIQUEZ — *Aires d'a miña terra. O Divino Sainete.*

Das cinzas do passado, renasceu uma Galiza nova e alada, exuberante de força vital. A Terra e o Mar acordaram a lira emudecida, que lançou raízes profundas na inspiração divina do sentimento da Raça.

A língua « forte, densa, vivente na campia, escreveu OTERO PEDRAYO, froleceu n'unha fermosa literatura. O *Album de la Caridad* PINTOS, AÑON, ROSALIA, PONDAL, CURROS... Os prosistas e os poetas, sobre todo os poetas em poucos anos dán ó mundo a sensazón d'unha língoa trunfante... Galiza volvéu a sentir a presença da sua personalidade, sostantiva e inmorrrente ».

Com ROSALIA CASTRO, o lirismo galego atingiu as culminâncias das estrêlas: « Cantarte-hei, Galicia, — N'a lingua gallega, — Consuelo dos males, — Alivio d'as penas ».

Os seus versos inconfundíveis são cânticos gravados nas pedras do altar da Galiza e constituem um dos maiores elementos catalizadores, que regularizam e dão unidade ao manancial vigoroso que dinamiza a espiritualidade criadora do povo galaico.

*

Sepultados, pois, na poeira do tempo, os sonhos de conquista e de absorpção, que, durante séculos, dividiram em lutas estêreis, os povos que projectados na mesma zona geográfica, se entendiam por um idioma comum, Português e a Galiza, de nossos dias, caminham de mãos dadas, abraçando-se cordealmente em íntima e inequívoca união espiritual.

Nesta obra de aproximação, colaboram figuras eminentes nas ciências e nas letras dos dois países e, para não falar dos vivos, devo, todavia, destacar, entre os maiores animadores desta cruzada, o nome prestigioso do malgrado professor, RODRÍGUEZ CADARSO, a alma mater do Instituto de Estudos Portugueses, que funciona na antiga e douta Universidade de Compostela e onde não se extinguiu, ainda, o rumor do verbo eloquente dos nossos Mestres que por ali passaram.

O intercâmbio luso-galaico, porém, recrudescceu e adquiriu relêvo evidente, com a realização das « Jornadas Médicas Gallegas », iniciadas, auspiciosamente, no ano de 1929, na Corunha.

A medicina portuguesa esteve representada, oficialmente, pela nossa Faculdade. Foi incumbido do honroso encargo o professor catedrático, Snr. Dr. ALMEIDA GARRETT, que pronunciou, nessa ocasião, uma conferência sôbre « O conceito actual do raquitismo ».

Dois anos depois, os médicos galegos promoveram novo Congresso, que reuniu na cidade de Vigo.

A contribuição portuguesa apareceu já em número elevado, com trabalhos universitários de Lisboa, Coimbra e Pôrto.

Nas Jornadas de Lugo, as nossas comunicações foram mais numerosas, ainda, e de tal modo os médicos da Galiza apreciaram a participação lusitana que resolveram transformar o título das suas reuniões, realizadas, periodicamente, de dois em dois anos, em « Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas ». Determinaram, também, que as primeiras, a efectuar em Orense, tivessem a presidi-las um médico português e que, dos relatórios a apresentar, um fôsse da autoria de um clínico da mesma nacionalidade.

Nestas condições, foi eleito presidente das Jornadas o anatómico português, Snr. Dr. HERNÁNI MONTEIRO, e o relatório oficial entregue ao higienista

e Director da Faculdade de Medicina do Pôrto, Snr. Dr. ALMEIDA GARRETT, que dissertou sobre «Hábitos alimentares nas diversas classes sociais (no Norte de Portugal)».

As comissões organizadoras ficaram assim constituídas: em Orense, pelos Snrs. Drs. GARCIA BOENTE, Inspector provincial de Saúde Pública, PEÑA REY, presidente do Colégio Médico, PARGA Y JORGE, médico chefe dos Serviços de Oftalmologia do Hospital Provincial, ALVAREZ RUIZ, presidente da Associação dos Médicos, GUTIÁN FÁBREGA, director do Dispensário Anti-venéreo, LÓPEZ TRASCOS, médico-chefe dos Serviços de Oto-rino laringologia do Instituto Provincial de Higiene, RODRIGUES DE DIOS, médico da Maternidade, CALAFATE HORTELANO, médico legista e DIZ Y LOIS, sub-director do Instituto Provincial de Higiene; em Portugal, pelos Snrs. Drs. HERNÁNI MONTEIRO e AMANDIO TAVARES, catedráticos da Faculdade de Medicina do Pôrto e MARCK ATHIAS e MAXIMINO CORREIA, também professores catedráticos, respectivamente, das Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra.

Estas Jornadas, declaradas oficiais pelo Ministro do Interior da República vizinha, tinham na Comissão de honra, por parte da Espanha, os excelentíssimos senhores Ministro do Trabalho, Saúde Pública e Previsão, Ministro da Instrução Pública, Ministro de Estado, Sub-secretário de Saúde Pública, Director Geral de Saúde Pública, Reitor da Universidade e Director da Faculdade de Medicina de Santiago; pelo nosso País, os excelentíssimos senhores Ministro da Instrução Pública, Reitores das Universidades de Coimbra, Lisboa e Pôrto, e Directores das respectivas Faculdades de Medicina. Figuravam, também, nesta comissão, o Director do Instituto de Estudos Portugueses, o Snr. Dr. JOSÉ GOYANES CAPDEVILA, ex-presidente das Jornadas Médicas Gallegas, e o Snr. Dr. JULIÁN REGUEIRO LÓPEZ, ex-secretário geral das Jornadas Médicas Gallegas.

Como membros protectores, entraram a Sub-secretaria de Saúde Pública, a Deputação Provincial de Orense e o Colégio Oficial dos Médicos, da mesma cidade.

*

Orense é uma histórica e nobre terra, reclinada no espaldar de Monte Alegre, na margem esquerda do rio Minho, que recebe as águas serenas do Bardaña, depois de o deixar beijar, com ternura, os pés da encantadora princesa galega.

A antiqüíssima cidade da época sueva nasceu, assim, emoldurada por um caixilho maravilhoso de águas cristalinas, que deslizam para a imensidade do mar como dois fios de lágrimas vertidas pelo delicioso pungir de CURROS HENRIQUEZ, o lírico extraordinário que «torturado pela dor, soluçou um dia»:

E rezei por a probe de tola,
¡Eu que non teño quen reze por mim!

Capital de uma vasta e fértil província, Orense conserva nas páginas do seu livro de honra, em caracteres que desafiam a lima do tempo, nomes de homens eminentes: santos e guerreiros, navegadores e sábios, poetas e filósofos, cronistas e juriconsultos, escultores e pintores, e tantos outros varões ilustres que nobilitam a terra que lhes foi berço. «Pero — disse o escritor ALVARO DE LAS

CASAS — bueno es saber que Orense es la Atenas de Galicia y una de las poblaciones españolas de más ambiente intelectual...».



Orense — Praça Maior.

A parte moderna da cidade, anima-la e preenhe de alegria comunicativa, é uma transição arquitectónica muito feliz dos seus bairros antigos, tão típicos e



Orense — Hospital Provincial.

característicos na Galiza espanhola. O passado ligado ao presente, sem a miscelânea de barbarismos inúteis e de soluções de continuidade destoantes.

Arrumada num magestoso anfiteatro, a sua formosura pode admirar-se da

esplanada do Quartel, instalado no antigo convento de S. Francisco, onde se conserva, ainda, um precioso claustro gótico do século XIV, de fácil acesso ao visitante, graças à gentileza dos oficiais da guarnição.

Dominando a massa do casario, ergue-se, no coração da cidade, a magnífica Catedral, iniciada no século XII, no reinado de Fernando II de Leão e cujo altar mór foi consagrado, no ano de 1194, por Godinho, arcebispo de Braga.

Coroada por um esbelto zimbório, acabado, no alvorecer do século XVI, por



Orense — Instituto Provincial de Higiene.

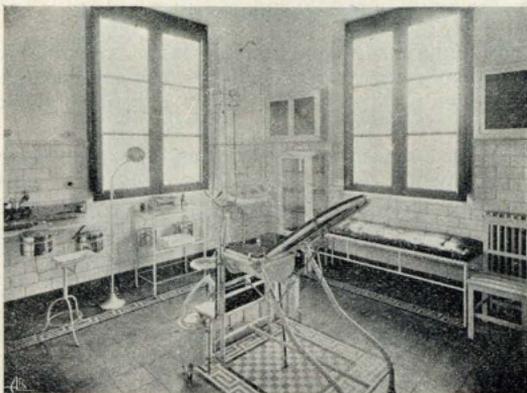
RODRIGO DE BADAJOZ, esta basílica revela a morosidade secular da sua construção em sucessivos estilos, correspondentes a épocas diferentes, que, todavia, se casam harmoniosamente. Recheada de preciosidades artísticas, entre as coisas mais belas, é digna de admiração a capela do Santo Cristo, concluída no ano de 1674.

Impressiona profundamente a imagem do Crucificado, sensação real, mas que não se pode definir, de martírio cruel e sofrimento atroz, como impressiona, também, por detraz do altar, o busto da Mater Dolorosa, cópia fiel e indescritível da maior dor humana.

Absorvidos pelos trabalhos do Congresso, os minguados intervalos que nos restavam, não me permitiram o exame minucioso dos seus monumentos, nem de tódas as riquíssimas jóias artísticas com que se depará a cada passo.

Com uma população de cerca de 20.000 almas, Orense possui um corpo clínico distintíssimo que se revê no Hospital Novo, bem apetrechado e disposto em elegantes pavilhões e no Instituto Provincial de Higiene, dirigido pelo Snr. Dr. GARCIA BOENTE, que visitou, para execução do modelar estabelecimento, as principais organizações similares da Europa, encarregado pela Fundação Rockefeller.

O orensano é hospitaleiro e franco. Recebeu-nos na sua intimidade, como vèlhos amigos que não se encontram há longos anos. Durante cinco dias, quantos durou o Congresso, vivemos como em nossa casa. Era a confirmação da frase sincera do Snr. Prof. NOVO CAMPELO, na sessão inaugural destas



Orense — Instituto Provincial de Higiene. Clínica de Medicina social preventiva.

Jornadas: «Um galego nunca se sente estrangeiro em Portugal e um português nunca pode sentir-se estrangeiro em terras de Galiza».

Neste ambiente, decorreram as Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas.

*

26 de Setembro de 1935. Está prestes a bater o meio dia. O sol cái a prumo. Na Avenida de Paz Nova, há grande animação e, diante do teatro Losada, a multidão concentra-se. A banda Municipal de Orense executa os hinos português, galêgo e espanhol. Passam figuras ilustres nos meios civis, académicos e militares.

O elegante teatro está cheio de público seleccionado. No palco, decorado a vermelho nobreza, destacam-se, no fundo, em longas faixas diagonais, as côres e os escudos de Portugal e da Galiza, entre os quais sobresaem os emblemas de Espanha. Há alegria nas almas e paz nos corações.

Na mesa de honra, preside o Governador civil interino de Orense, Snr. ODÓN COLMENERO, que representa o ministro do Trabalho, Saúde Pública e

Previsão de Espanha. A' sua direita, ficam os Snrs. FERNANDEZ FUEYO, alcaide de Orense, Prof. ALMEIDA GARRETT, representante da Universidade do Pôrto e da sua Faculdade de Medicina, Prof. HERNÁNI MONTEIRO, presidente das Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas, Prof. HENRIQUE PARREIRA, da Faculdade de Medicina de Lisboa, GAMBOA, consul de Portugal em Orense, Dr. GARCIA BOENTE, presidente da comissão galega organizadora deste Congresso, e outras personalidades. A' esquerda, os Snrs. Governador militar de Orense; Prof. NOVO CAMPELO, representante da Universidade e da Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela; Prof. MARCK ATHIAS, da Faculdade de Medicina de Lisboa e vogal da comissão portuguesa; membros da comissão galêga; Prof. AMANDIO TAVARES, da Faculdade de Medicina do Pôrto e Dr. DIZ y LOIS, respectivamente, secretário da comissão organizadora portuguesa e secretário geral das Jornadas.

O Snr. ODÓN COLMENERO, ao abrir a sessão, em nome do Govêrno de Espanha, saudou com palavras de affecto os médicos portugueses e galêgos, destacando a amizade que liga uns e outros e proferiu elogiosas referências para o nosso País.

A assembleia, que premeia com palmas as passagens alusivas a Portugal, escuta, agora, atentamente, os Snrs. Drs. DIZ y LOIS, GARCIA BOENTE, FERNANDEZ FUEYO, NOVO CAMPÊLO, e ALMEIDA GARRETT, que pronunciam palavras de saudade à memória de RODRÍGUEZ CADARSO e de outras individualidades médicas luso-galaicas, enaltecem, sob vários aspectos, a importância cultural destas reuniões e manifestam o seu acrisolado amor às terras sagradas de Portugal e da Galiza.

Tem, depois, a palavra o Snr. Prof. HERNANI MONTEIRO que, na sua qualidade de presidente destas Jornadas, realizou a oração oficial, onde desenvolveu, com largueza, doutrina integrada em conceitos de profunda actualidade médica, sôbre o papel da investigação no domínio da ciência pura e o papel da experimentação no domínio da Clínica.

Estava realizado o acto inaugural do Congresso.

O representante do Govêrno Espanhol levantou-se e, em frases de carinhoso elogio dirigidas aos congressistas, encerrou a sessão, desejando o êxito científico do Congresso que tam auspiciosamente se inaugurava. Estas palavras foram coroadas com aplausos, que envolveram, affectuosamente, o presidente das Jornadas e os congressistas portugueses.

À tarde, no Liceo Recreo Orensano, tiveram início as sessões científicas para leitura e discussão de comunicações, cujo número elevado, talvez para cima de centô e cinqüenta, não permitiu que algumas fôsem apresentadas. Todavia, quasi todos os trabalhos dos médicos portugueses foram lidos.

Foram importantes as comunicações que versaram assuntos referentes ao problema do cancro.

O Snr. Prof. MARCK ATHIAS descreveu *As alterações testiculares provocadas por injecções intersticiais de uma substância cancerigênea, o alcatrão*, que empregou em emulsão na vaselina pura. As lesões observadas, porém, consistiam em fenómenos de destruição: desagregação dos elementos dos tubos seminíferos, com conservação das células de Sertoli, lesões regressivas que se estendem a

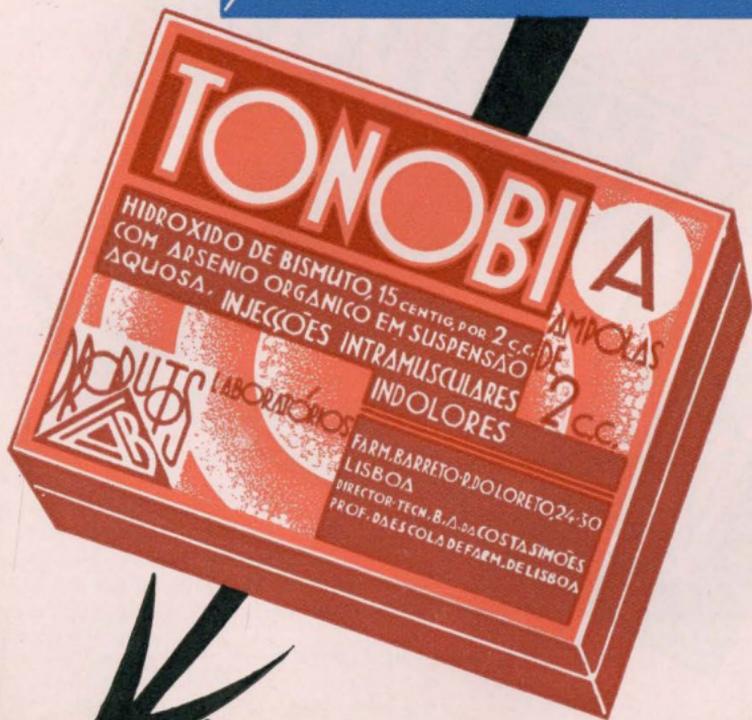
PRODUTOS
«LAB»



TONOBI

«A»

Associa o Bismuto ao
ARSÊNIO ORGANICO
em Suspensão aquosa



Garante uma TOLERÂNCIA ABSOLUTA do organismo à acção terapeutica dos SAIS DE BISMUTO



PRODUTOS
«LAB»

SPLENO-HEPATIL

EXTRACTO SPLÉNICO
EXTRACTO HEPÁTICO
CINAMATO DE BENZIL
COLESTERINA-CANFORA

EMPOLAS DE 5 c. c. e 2 c. c.



Pela acção estimulante e hematopoiética do EXTRACTO SPLÉNICO e antitóxica e coagulante dos LIPOIDES HEPÁTICOS, provoca uma MELHORIA IMEDIATA em todos os casos em que está indicada a sua aplicação.

todo o órgão e acabam por produzir esterilização completa. No fim de algum tempo, os órgãos injectados com alcatrão ficam semelhantes, na sua estrutura, aos que sofreram a acção dos raios X, ou de criptorquidia experimental. A diferença entre uns e outros reside, apenas, nestes últimos, onde as lesões começam pelos elementos menos diferenciados e, naqueles, as alterações incidem, primeiramente, sobre as células mais desenvolvidas, espermatozoides e espermaticitos.

O Snr. Prof. HENRIQUE PARREIRA falou sobre *Tumores das glândulas cutâneas*. Utilizando-se do material existente no «Instituto Português de Oncologia» e na Primeira Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa, estudou 84 casos de tumores das glândulas cutâneas, sudoríparas e sebáceas. Encarou o problema sobre o aspecto anatomo-clínico e estabeleceu as características anatómicas e histológicas de quatro grupos de lesões: hiperplásticas, adenomatosas, precancerosas e carcinomatosas.

Apresentou, em seguida, exemplos de todas as variedades e ilustrou o seu trabalho com numerosas provas fotográficas e desenhos de preparações histológicas. Aos seus casos, juntou um outro dos médicos de Vigo, Drs. PEÑA e VIDAL ANTÓNIO, com apresentação de fotografia. Terminou resumindo as suas considerações sobre a histogenese destas neoplasias e sobre o problema da malignidade das formas, para as quais chamou a atenção dos oncologistas.

O Snr. Prof. AMANDIO TAVARES, de colaboração com o seu assistente Snr. Dr. A. SALVADOR JÚNIOR, leu uma comunicação intitulada *Os sais de magnésio nos tumores experimentais*.

Estes investigadores, em face dos resultados contraditórios expostos em trabalhos clínicos, experimentais e estatísticos, acerca dos sais halogéneos do magnésio, no cancro, retomaram o assunto, por terem reconhecido que algumas conclusões são baseadas em factos e documentos nem sempre rigorosa e suficientemente estabelecidos. Neste trabalho, cingindo-se ao estudo da influencia daqueles produtos salinos, particularmente do alcatrão, os autores apresentaram os resultados das suas experiências, realizadas em coelhos tratados por injecções diárias de cloreto de magnésio. Desta forma, verificaram, no que se refere à mortalidade, a existência de pequenas diferenças no grupo dos animais injectados e no das testemunhas, as quais, todavia, não são a favor da maior resistência dos primeiros.

O tratamento pelo cloreto de magnésio, que não obsta à formação dos tumores do alcatrão e apenas retarda, sensivelmente, o seu aparecimento, não impediu, também, o desenvolvimento do cancro num dos animais. A cancerização, porém, foi mais precoce e frequente nos coelhos testemunhas, que nos submetidos à acção do magnésio. De modo geral, e nas condições destas experiências, registou-se certa influencia inibidora, determinada pelo emprego do sal indicado, no aparecimento e na evolução dos tumores do alcatrão.

Acerca, ainda, do cancro, foram apresentadas as seguintes comunicações livres:

AMANDIO TAVARES — *Sobre a ossificação de um epitelioma da pele.*

JOSÉ BACELAR e BEIRÃO REIS — *A elaboração do muco nos cancros coloides, estudada pelo método tano-férrico.*

BEIRÃO REIS — *Contribuição para o estudo dos cancros mucosos da mama.*

MACEDO PINTO — *A curieterapia do cancro do colo do útero. Notas clínicas sobre alguns casos.*

JOÃO D'ALMEIDA — *Notas sobre alguns casos de cancro do recto.*

Destacou-se, também, no domínio da investigação laboratorial, o trabalho do Snr. Prof. TOSCANO RICO, de colaboração com o seu discípulo, Snr. Dr. MALAFAIA BAPTISTA — *A destruição da adrenalina no organismo.*

Os autores estudaram, experimentalmente, o problema, sobre o qual existem, na literatura médica, opiniões desencontradas, e procuraram demonstrar a destruição da adrenalina, utilizando polpas de diversos órgãos animais, *in vitro*, método a que deram preferência, por razões várias.

Nestas condições, puderam verificar a capacidade adrenalino-destruidora e marcar a actividade relativa de muitas pólpas de órgãos de diferentes espécies animais. Para esclarecer o mecanismo da destruição da adrenalina, *in vivo*, realizaram experiências com os fermentos oxidantes do suco de batata, com o glutatião, reduzido e oxidado, com o ácido ascórbico e, ainda, com numerosos produtos — possuidores, ou não, da função aldeído — cuja formação obrigatória, ou facultativa, a Bioquímica moderna tem focado, no metabolismo intermediário dos hidratos de carbono.

Neste capítulo de investigação, devo apontar as comunicações livres referentes a outros estudos laboratoriais:

ERNESTO MORAIS — *O sistema reticulo-endotelial e os problemas da imunidade e da anafilaxia.*

SALVADOR JÚNIOR — *A acção da tripaflavina no parênquima renal.*

SALVADOR JÚNIOR e ACÁCIO TAVARES — *A retenção clorada nas nefrites experimentais.*

VILAS-BOAS NETO e CÉSAR MARTINS — *Micose da língua produzida por levedura do género *Cryptococcus*.*

A contribuição sobre Cirurgia experimental, Anatomia radiológica e Quimografia foi muito apreciada.

HERNANI MONTEIRO — *Alguns exemplos do valor da radioquimografia em estudos experimentais.*

HERNANI MONTEIRO, ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO — *A importância da röntgenquimografia na localização de corpos estranhos intracardíacos.*

ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO — *A röntgenquimografia no estudo da cinemática respiratória.*

HERNANI MONTEIRO, ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO — *Um caso de eventração diafragmática no adulto. Estudo radioquimográfico.*

— *Casos curiosos de migração de corpos estranhos no aparelho circulatório do cão.*

ALVARO RODRIGUES — *O problema da transplantação de tecido linfóide. Sua importância na patologia e na clínica.*

A colaboração de Anatomia Normal e Patológica, dedicada à memória de RODRIGUEZ CADARSO, foi, igualmente, notada, porque, além dos trabalhos já mencionados, há, ainda, mais a registar:

HERNANI MONTEIRO, ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO — *Um caso de hérnia diafragmática congénita, num recém-nascido.*

HERNANI MONTEIRO e ROBERTO CARVALHO — *Alguns casos de divertículo do esófago.*

— *Três casos de mesentério comum.*

ALVARO RODRIGUES — *Topografia dos gânglios linfáticos tributários das regiões pleuro-pulmonares.*

JOAQUIM MONTEIRO BASTOS — *Algumas observações de irrigação arterial tiro-paratiroideia. Sua importância na experimentação.*

MELO ADRIÃO — *A configuração do malar nos portugueses.*

— *Sobre occipitalização do atlas.*

— *Metopismo em craneos senis.*

— *Um caso de musculo pre-esternal.*

LIÑO RODRIGUES — *O nervo frênico do cão.*

AMANDIO TAVARES — *Invasão intestinal no adulto. Eliminação espontânea do segmento invaginado.*

ERNESTO MORAIS — *Acêrca das lesões histológicas provocadas pelo torotraste.*

Sobre Clínica Cirúrgica foram versados vários temas:

JOAQUIM MAGANO — *Vacinação regional nas arterites gonocócicas da mulher.*

JOAQUIM MONTEIRO BASTOS — *Doença de Köhler do segundo metatarsico.*

ESTEVEZ PINTO — *Agénia renal unilateral.*

JOSÉ AROSO — *Transfusão do sangue conservado em clinica; técnica e resultados.*

CANTO MONIZ — *Perigos da gastro enterostomia; um ciclo vicioso.*

Da mesma forma, apareceram trabalhos de Clínica Médica:

AZEVEDO MAIA — *A auscultação pulmonar em decubito lateral.*

FERNANDO FERNANDES — *Sobre o síndrome de Guillaïn e Barré.*

MANUEL JOAQUIM FERREIRA — *Icterícia hemolítica.*

FERRAZ JÚNIOR — *Um caso de rim único.*

O Snr. Prof. AZEVEDO MAIA, na sua comunicação oficial, cujo título indico acima, verificou — depois de ter observado um pneumónico, em que os sinas esteticasticos eram mais nítidos no pulmão apoiado sobre o leito, que no outro — que, na maioria dos casos, o murmúrio vesicular era mais intenso no pulmão direito, ou esquerdo, conforme a posição em decúbito lateral.

Na interpretação deste fenómeno, attribuiu-o a uma modificação de movimentos do diafragma, motivada pela posição em referência.

Aplicando, porém, à clínica, os dados fornecidos pelas suas observações, indicou os elementos revelados pelos doentes estudados e concluiu: em decúbito lateral, o murmúrio vesicular é, normalmente, mais intenso, no lado apoiado sobre o leito; a auscultação, em decúbito lateral, pode constituir um auxílio valioso no diagnóstico de várias doenças do aparelho respiratório, ou que nele se repercutam; finalmente, no tratamento da tuberculose pulmonar e, principalmente, na colapsoterapia, este método de auscultação pode, ainda, fornecer indicações úteis.

No capítulo de Higiene, aponta-se o relatório oficial elaborado pelo Snr. Prof. Dr. ALMEIDA GARRETT, a que me hei-de referir mais adiante — *Hábitos alimentares, nas diversas classes sociais, no Norte de Portugal.*

Em assuntos de Terapêutica e Profilaxia salientaram-se dois trabalhos do Prof. Snr. Dr. FROILANO DE MELO — *O tratamento da lepra, segundo três anos de experiência numa grande leprosaría e Quimioprofilaxia em massa das localidades maláricas e seus resultados práticos.*

A primeira destas comunicações merece-me, na devida altura, relêvo espe-

cial, dada a sua momentânea actualidade, bem como a do professor conimbricense, Snr. Dr. MAXIMINO CORREIA, sôbre um tema de Crenoterapia.

Os Snrs. Drs. FONSECA E CASTRO e VILAS-BOAS NETO trataram de assuntos de sifilografia, em trabalhos intitutados, respectivamente, *Manifestações precoces da sifilis congénita* e *Manifestações tardias da heredo-sifilis: um caso de sifilides cutâneas, simulando a Psoriasis verdadeira*.

De Medicina Legal, estavam inscritas as seguintes comunicações:

LUÍS DE PINA — *Os problemas de identificação: patologia e impressões digitais*.

— *Sôbre figuras papilares da região plantar em portugueses e negros de Africa*.

LUÍS DE PINA e ERNESTO MORAIS — *Grupos sanguíneos, tipos constitucionais e criminalidade*.

As comunicações officiais a cargo dos Snrs. Profs. JOÃO PORTO e ROCHA BRITO (de Coimbra) não foram lidas por motivos de ausência dos seus autores. Igualmente, o clínico portuense, Snr. Dr. ANTÓNIO RAMALHO, enviou a comunicação que tinha anunciado.

Do estrangeiro, foram recebidos trabalhos firmados por nomes de portugueses.

Em nome do Snr. Dr. JOÃO COELHO, em Paris, o presidente das Jornadas leu a comunicação — *O escôlho das desinências*.

O Snr. Dr. SOUSA PEREIRA, actualmente em Estrasburgo, como bolseiro da *Rockefeller Foundation*, apresentou três comunicações — *A arteriectomia no tratamento das arterites obliterantes*, *As exostoses osteogénicas e sua patogenia* e *As variações das plaquetas nos edêmas experimentais por perturbação da circulação venosa* — elaboradas no serviço de Clínica Cirúrgica do eminente investigador, Snr. Prof. RENÉ LERICHE, que, por intermédio do Snr. Prof. HERNANI MONTEIRO, apresentou uma comunicação, subordinada ao título *Os cães sem artérias e o problema do tratamento das arterites obliterantes*.

E' digna de registo, porém, a gentileza com que nos distinguiu êste ilustre cirurgião, colaborando conosco nas Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas.

*

Na tarde do dia 28 de Setembro, o Congresso reuniu em sessão plenária. Dirigiu os trabalhos, na presidência, o Prof. Snr. Dr. FROILANO DE MELO, que foi meu Mestre no Curso de Protozoologia, que regeu, no ano de 1922, em a nossa Faculdade de Medicina.

Pedagogo consagrado e parasitólogo insigne, o seu nome é mundialmente conhecido, nos meios científicos. Não necessita, porém, o ilustre Director da Escola Médica de Nova Gôa, destas minhas palavras de aprêço, que não têm, aliás, outra intenção que não seja a de lhe manifestar, publicamente, a minha gratidão pelos ensinamentos que, com tanta amisade, recebi e continuo a receber.

Nesta assembleia, concorridíssima por médicos galêgos e portugueses, a série de trabalhos foi inaugurada pelo Prof., Snr. Dr. ALMEIDA GARRETT, Director da Faculdade de Medicina do Pôrto, que pronunciou, então, o relatório oficial — *Hábitos alimentares, nas diversas classes sociais, no Norte de Portugal*.

O higienista e pediatra portuense começou por destacar a importância do estudo dos costumes alimentares, em relação com multiplos interêsses: resistên-

cia orgânica para o trabalho e às doenças, produção das enfermidades chamadas *por carência*, de estados diatéticos e provocadores de afecções crônicas, possibilidade de retardamento dos sinais de velhice, longividade, etc.

Na apreciação dos regimes, traçou o quadro dos conhecimentos actuais sobre higiene alimentar, pelo qual se conclui que: a alimentação deve ser variada, tanto quanto possível; a quantidade de proteicos da ração diária póde fixar-se em um grama por kilo de peso do corpo, sendo, pelo menos, na terça parte fornecida por alimentos de origem animal; a de lipoides oscilará entre cinqüenta e cem gramas, segundo os climas, as estações e a intensidade de trabalho físico; a dos hidratos de carbono variará, com a energia física a dispender, entre quatrocentas e mil gramas; os alimentos devem conter sais minerais em abundância, o mesmo para as vitaminas, pelo que uma parte considerável da ração alimentar deve ser formada por legumes, frutas, ovos, leite e manteiga; o número de calorias, a fornecer pela ração deve contar com as necessidades do organismo, segundo o trabalho que produzir e, ainda, com uma fracção de oito por cento, para a parte inaproveitada dos alimentos: de harmonia com esses dados, o número de calorias variará entre 2.000 e 5.000; a distribuição da ração alimentar por três ou quatro refeições é o que melhor se conforma com a fisiologia digestiva.

Em seguida, o conferente apontou os hábitos alimentares das diversas classes sociais do norte de Portugal, esquematizando-os em quatro tipos: o dos trabalhadores agrícolas, o dos operários das cidades, o da classe remediada e, por último, o da gente rica.

Para cada um destes tipos, estudou três exemplos de rações diárias, colhidos por observação directa, avaliou a sua composição e valores plástico e energético, deduziu as médias para cada tipo e chegou à conclusão de que, nos operários das cidades e na classe remediada, os hábitos alimentares são os que mais se aproximam do regime ideal, sendo muito defeituosos os da população rural e da gente rica. Os daquela, por ter uma alimentação monótona, demasiada em pão de milho e muitíssimo pobre em alimentos de proveniência animal. Os da gente rica, por ter uma alimentação excessiva, no total, exageradíssima em proteicos e gorduras, e deficiente em legumes.

Finalmente, apontou a possibilidade de correcção desses defeitos, que só poderá efectuar-se por meio de providências públicas, de ordem económica, agrícola e comercial que tornem fácil o consumo de carne, leite e pão de trigo pela população dos campos, e, ainda, por meio da educação das classes ricas em higiene alimentar, para a qual os médicos terão de desempenhar o papel principal, mas com a condição prévia de se instruírem devidamente em tal matéria.

Este relatório mereceu apreciações elogiosas do Sr. Dr. GARCIA BOENTE, Inspector Geral de Saúde Pública da província de Orense.

O Sr. Prof. HERNÁNI MONTEIRO realizou, depois, uma conferência subordinada ao tema: — *Alguns exemplos do valor da radioquimografia em estudos experimentais.*



Professor ALMEIDA GARRETT
Director da
Faculdade de Medicina do Pôrto

Este conhecido investigador iniciou o seu trabalho com referências aos primeiros ensaios, efectuados no Laboratório de Cirurgia Experimental da nossa Faculdade, para utilizar o método da radioquimografia de STUMPF, em estudos de carácter experimental.

O assunto, porém, como frisou o conferente, fôra versado já, no ano findo, em uma das lições do Curso de Anatomia experimental, que dirigiu no «Instituto de Estudos Portugueses» da Universidade de Santiago de Compostela.

Num primeiro exemplo, o Snr. Dr. HERNÁNI MONTEIRO demonstrou, por meio de cardioquimogramas de cães, como se tornava evidente a dissociação auriculo-ventricular, consecutiva ao esmagamento do feixe de His.

E, baseado em experiências realizadas em animais, analisou o valor dado por alguns autores à quimografia, para se localizar, com precisão e segurança, a presença de corpos estranhos, intra-cardíacos. A propósito, citou casos raros de migração de corpos estranhos no aparelho circulatório de cães, observados no decurso daquelas investigações.

Apresentou, depois, um caso de eventração diafragmática, esquerda, verificada num adulto e chamou a atenção para as curvas quimográficas das costelas e dos hemidiafragmas, direito e esquerdo. As diferenças notadas no quimograma do lado da eventração permitiram, todavia, estabelecer a etio-patogenia do caso apresentado — eventração adquirida por lesões do frénico. Quimogramas, perfeitamente análogos, foram obtidos em cães, no decurso de experiências de frenicectomias totais e parciais, uni e bilaterais. Estas investigações, porém, estão minuciosamente expostas numa comunicação, *A röntgenquimografia, no estudo da cinemática respiratória*, firmada pelos colaboradores do conferente, Snrs. Drs. ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO, à qual, em seguida, farei referência.

As considerações do autor foram ilustradas com variada e preciosa documentação, constituída por desenhos, gravuras, fotografias, filme cinematográfico, etc.

Por último, o anatómico portuense mostrou cardioquimogramas de cães, em que se praticaram ablações, uni e bilaterais, dos gânglios estrelados, tendo em vista o estudo das modificações observadas no coração de animais privados da respectiva innervação simpática.

Este tema considerado de magna importância, porque nem os fisiologistas, nem os clínicos estão de acôrdo sôbre a acção das estelectomias, mereceu já a atenção do conferente e de seus colaboradores, numa comunicação apresentada ao Congresso dos Anatómicos, reunido, recentemente, em Montpellier.

Devo anotar, ainda, que o momentoso problema da quimografia foi tratado pela primeira vez, em Portugal, na Faculdade de Medicina do Pôrto, por êstes investigadores que têm enriquecido o assunto em apreciável bibliografia.

A conferência do Snr. Prof. HERNÁNI MONTEIRO teve como complemento o trabalho oficial, acima mencionado, da autoria dos Snrs. Drs. ALVARO RODRIGUES e ROBERTO CARVALHO.

A röntgenquimografia, no estudo da cinemática respiratória, mereceu atenção cuidadosa aos seus autores que, dentro do método de STUMPF, procuram esclarecer determinados problemas de cinemática respiratória, normal, ou modificada, em consequência de acções experimentais, ou patológicas.

Esta comunicação foi dividida em duas partes. Na primeira, puramente experimental, trata-se de esclarecer o papel do diafragma e da parede costal na expansão pulmonar, em conjunto, e, com mais minúcia, na expansão de cada lóbo de per si, e conhecer, também, as alterações que se sucedem na mecânica

normal, quando, porventura, qualquer lesão exclui ou diminui a actividade de um dos factores.

Neste sentido, realizaram, em várias séries de cães, ora a alcoolização, ora a exeresse total ou parcial do frénico, a alcoolização sucessiva dos nervos intercostais e do plexo braquial, pneumotorax, uni, ou bilateral e, ainda, outras experiências.

Estudaram, depois, desenvolvidamente, os dados fornecidos pelas radioquimografias. E, procurando verificar se seria possível, mediante a quimografia, obter sinais que permitissem distinguir as perturbações respiratórias — determinadas por mecanismos reflexos de defesa — das perturbações produzidas por acções nervosas directas, apreciaram numa outra série de animais, as consequências da compressão do frénico e o resultado de injecções intrapulmonares de substâncias irritantes.

Na segunda parte, porém, os autores examinaram, sob o ponto de vista clínico, as imagens quimográficas obtidas no homem, em casos de eventração diafragmática, pneumotorax terapêutico, pleurisia e sínfise pleural, analisando-as em face dos elementos fornecidos pelas experiências que praticaram nos animais.

Como se verifica, o método quimográfico conquistou um lugar de relêvo, nas modernas aquisições científicas, pelos serviços valiosos que pode prestar à investigação e à Clínica.

Expostos êstes trabalhos, o Snr. Dr. HERNANI MONTEIRO assumiu o lugar da presidência. Nesta altura, o Snr. Prof. FROILANO DE MELO apresentou a comunicação sôbre *O tratamento da lepra, segundo três anos de experiência pessoal, numa grande leprosaría.*

Este cientista que, também, se tem evidenciado na campanha contra a lepra, experimentou diversos tratamentos, entre os quais o azul de metileno e a injecção de culturas vivas do báculo de FRIEDMAN. Todavia, as suas observações pessoais, de ótimos resultados clínicos, fixaram-no na prática seguinte: em primeiro lugar, impõe aos seus doentes um regime higieno-dietético sem qualquer medicação específica (banhos, desinfecção dos elementos ulcerados, boa alimentação, óleo de fígados de bacalhau, glicero-fosfatos, etc.).

Dois a três meses depois, realiza o tratamento específico: a) nas úlceras, injecções endovenosas, semanais, de mercurio-cromo a 1 % — dose inicial: meio centímetro cúbico que vai aumentando, gradualmente, até quatro centímetros cúbicos; b) produtos de chaulmugra: I, Alepol, endovenoso, a 1 %, em injecções semanais; dose inicial: um centímetro cúbico, até se atingir cinco centímetros cúbicos. II, como medicação ainda mais activa: injecções, por via endovenosa, de óleo de chaulmugra, puro e neutralizado; dose inicial: meio centímetro cúbico até um, duas vezes por semana; após quatro injecções, suspensão do tratamento, durante quinze dias. III, injecções, por via intramuscular, de etil-eteres de chaulmugra (Mogrol, Hidnestril, etc.) segundo a tolerância dos doentes, à dor. IV, injecções intradérmicas de suspensões oleosas, em gotas, sôbre e ao redor das leprides. V, óleo de chaulmugra, ou comprimidos de Alepol, *per os*.



Prof. FROILANO DE MELO
Director da
Escola Médica de Nova Goa

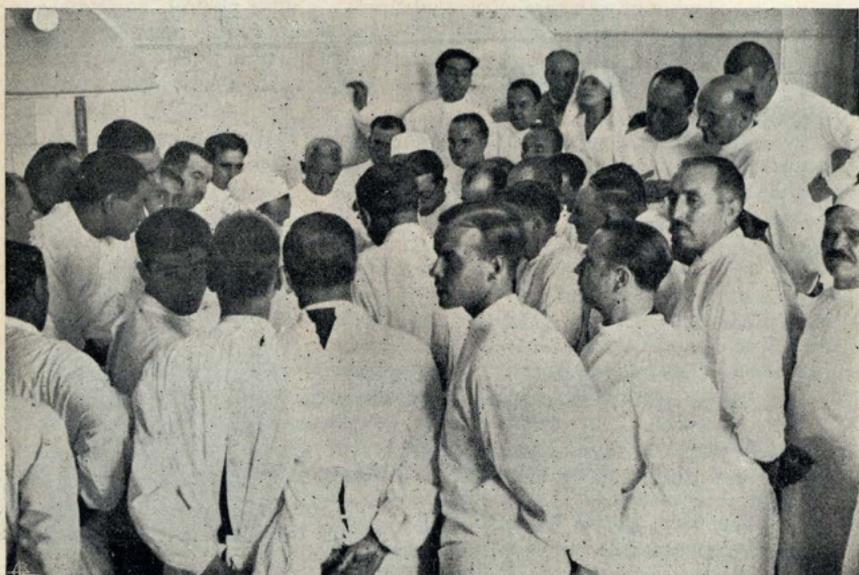
Em todos os tratamentos endovenosos, é necessário verificar, cuidadosamente, o estado dos rins, visto que, na sua maioria, os casos fatais são provocados por nefrites.

Nem a vacina de FRIEDMAN, nem o azul de metileno, têm dado resultados satisfatórios. Este último, porém, esclareceu o Prof. FROILANO DE MELO, é um precioso adjuvante moral. Os doentes, vendo-se tingidos de azul, alimentam a esperança da cura. Quanto ao método de MUIR, iodeto de potássio, em doses altas, nas mãos de FROILANO DE MELO, deu, apenas, reacções violentas.

A leitura de algumas comunicações de médicos espanhóis e a apresentação dos trabalhos do Prof. LERICHE, e do Dr. SOUSA PEREIRA, remataram a notável sessão.

*

No decurso do Congresso, no Hospital Provincial, efectuaram-se, quasi tôdas as manhãs, concorridas sessões de Medicina operatória.



Hospital Provincial de Orense — Uma intervenção cirúrgica pelo Snr. Dr. Sousa Pereira

Dos portugueses, realizaram intervenções cirúrgicas os Snrs. Drs. SOUSA PEREIRA e JOÃO DE ALMEIDA, auxiliados, respectivamente, pelos Snrs. Drs. ALVARO RODRIGUES e MONTEIRO BASTOS, todos da Faculdade de Medicina do Pôrto.

*

Foram os congressistas cumulados com várias homenagens, destacando-se, todavia, entre essas provas de afecto, a récita de gala, realizada na noite de 26 de Setembro, no Teatro Losada, com a colaboração de algumas figuras distintas no meio social de Orense.



BENZOATO DE MERCÚRIO
PARA
SOLUÇÃO EXTEMPORÂNEA

BENZO DIACOL

XAROPE

ANTI-BACILAR
CALMANTE
PARA SER USADO EM
TODOS OS CASOS DE
TOSSE, BRONQUITE
ASMA, CATARROS
INFLUENZA (GRIPE)
E DOENÇAS
BRONCO
PULMONARES



Bial

PÔRTO

A Galiza campeзина e alegre exhibiu-se através de canções e danças populares, executadas pelo «Coral de Ruada» e os actores JULIO BORRAJO e VIRGILIO FERNÁNDEZ interpretaram a peça cômica de LAMEIRO, *O curioso de Penagache*. Nos intervalos, o primeiro destes artistas evidenciou os seus méritos de recitador.

A meio do espectáculo, o Sr. FAUSTINO SANTALICES, secretário geral do Governo Civil de Orense, teve o condão de impressionar a assistência com as notas que desferiu da sanfona, instrumento que teve voga, em tempos idos, na Galiza e em Portugal.

Acompanhado pelo velho aparelho musical, cantou inspiradas quadras de sua autoria, algumas das quais alusivas à amizade luso-galaica:

.....
Miño, Límia, Douro, Taxo
van correndo car'o mar
e non saben ond'España,
nin onde é Portugal.

Os rios non ten fronteiras,
non destinguén de naciós
...xa que na terra as puxemos
no nas por nos corazós.

Depois de alguns números de música, a noite de arte, acentuadamente, de carácter regional, terminou com um concérto de canto, pela Snr.^a D. PILAR DOMENECH SAEZ, professora do Conservatório de Madrid.

Ainda, em honra dos Jornadistas, a comissão galega organizadora do Congresso promoveu um baile, com ceia à americana, nas instalações do Liceo Recreo Orensano.

A Sociedad Club Orensano, por sua vez, distinguiu os congressistas com um chá dansante.

Estas festas foram largamente concorridas pelas melhores famílias de Orense.

Dois grandes armistícios, impostos pelo trabalho intensivo e absorvente das Jornadas, permitiram aos congressistas duas excursões de gratíssimas lembranças para todos aqueles que nelas tomaram parte. Uma ao convento de Osera, onde o Sr. OTERO PEDRAYO pronunciou uma notável conferência sôbre a história do formoso monumento do século XII, outra a Vidago e a Pedras Salgadas, estâncias portuguesas sem rivais na Península.

Em Vidago, a Empresa das Aguas obsequiou os congressistas com um almôço. Trocaram-se brindes afectuosos e fizeram-se afirmações eloqüentes ácerca da aproximação cultural luso-galaica.

No final do banquete, os congressistas reuniram-se na sala nobre do Palace Hotel, em sessão científica.

O catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra, Sr. Dr. MAXIMINO CORREIA, apresentou a sua comunicação oficial, que versou sôbre *Dessensibilização e Crenoterapia*.

Começando por se referir à acção filática de certas águas minero-medicinais, o autor desenvolveu o papel dessensibilizador de determinadas águas, que pode ser aproveitado como valioso elemento terapêutico se, porventura, a intro-

dução, no organismo, se realiza por forma a que nem a constituição química, nem o equilíbrio iónico dessas águas sofram alterações apreciáveis, durante a longa travessia gastro-intestinal e com a acção dos diversos sucos digestivos. Assim, a introdução da água mineral, por via subcutânea, é perfeitamente racional, desde que possua características que não contra-indiquem o aproveitamento dessa via.

A água da fonte Vidago, pela sua isotonia, pela presença de coloides e, ainda, pela maneira como se comporta com as células animais (eritrocitos e espermatozoides) está nessas condições.

Uma experiência de oito anos mostrou, de facto, que as injeções subcutâneas desta água, perfeitamente inócuas, têm uma acção extraordinariamente benéfica no tratamento de doenças que resultam de perturbações do equilíbrio humoral, tais como a asma, o edema agudo de QUINCKE, certas dermatoses, enxaquecas, etc.. Numerosos casos clínicos demonstraram estas afirmações.

A seguir, o Snr. Prof. FROILANO DE MELO desenvolveu, largamente, uma comunicação acerca da *Quimioterapia em massa, no tratamento da malária*.

Estava encerrada a sessão. No regresso, os excursionistas, depois da visita ao balneário de Pedras Salgadas, demoraram-se, ainda, em Fuente Nueva, Sosas e em Cabreiroá, onde foram gentilmente acolhidos pelas Empresas destas estâncias.

Os trabalhos científicos prosseguiram com o mesmo brilho e, na tarde do dia 30 de Setembro, deixamos, com saudades, Orense. Seguimos a caminho de Santiago de Compostela, em cuja Universidade, teve lugar o acto de encerramento das «Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas».

*

A tarde agonizava, quando chegamos à cidade do Apóstolo.

A sua Catedral, o maior símbolo de Compostela, atraíu-me pela via láctea da inspiração maravilhosa, que gisou e ergueu o divino poema, em cujos silhares estão gravadas, indelévelmente, as siglas mais notáveis da história da Galiza.

E, caminhando sobre o lagedo secular de ruas estreitas e tortuosas, intangíveis no sabor medieval, deparamos com a sumptuosa praça que conduz à portada magnificente *de las Platerias*. Pelas naves do templo, começava já a difundir-se a luz tépida do crepúsculo e uma réstea de sol, num adeus saúdoso, osculava o pórtico da Glória, concepção genial de Mestre MATEO.

Não obstante, no ambiente das suas arcarias, paira o fausto de eras passadas e sente-se o calor da profusão de círios que iluminaram, dia e noite, o coração da Galiza.

«El apostolado de Santiago — diz-nos PEDRAYO — es uno de los temas más ricos y evocadores de nuestra Historia; enlaza los elementos celtas con la iniciación evangelica; fué su recuerdo el eje de nuestra historia medieval y el origen de la metrópoli intelectual, sentimental y artística de Galicia».

Quando deixamos a Catedral, a negrura da noite envolvia a sua perspectiva inconfundível, que se recortava no espaço como silhueta imensa.

As agulhas das torres e dos zimbórios erguiam-se magestosamente para o céu recamado de estrelas, a indicar aos romeiros, como outrora, a Estrada de Santiago.

A nossa imaginação, como num filme lendário, evocou o perfil extraordinário de Gelmírez, «o verdadeiro criador de Santiago monumental, intelectual e

prestigioso»; diante de nós, passaram cortejos de reis e cavaleiros, e de santos e penitentes, que, vestidos de burel e apoiados ao bordão de peregrinos, iam ajoelhar-se aos pés do sepulcro do Apóstolo.



Santiago de Compostela — Vista da Catedral

Durante séculos, Compostela tornou-se um dos pontos mais luminosos da Europa, cujas nobilíssimas tradições culturais estão modernamente condensadas na sua famosa Universidade, no «Seminário de Estudios Gallégos» e noutras importantíssimas agremiações científicas.

*

Num elegante edifício de linhas severas, antiga residência da Companhia de Jesus, a Universidade, fundada, no amanhecer do século XVI, por DIEGO DE MUROS e LOPE DE MARZOA, recebia, solenemente, pelas 19 horas, os seus filhos dilectos e os médicos da Nação irmã.

La realizar-se a sessão de encerramento do Congresso, destinada, também, a homenagear a memória do saúdo professor RODRIGUEZ CADARSO.

Na teia do paraninfo, sobriamente disposta e decorada com gravidade, preside o Sr. Prof. MONTÉQUI, Reitor da Universidade compostelana, ladeado, à direita, pelos catedráticos portuenses, Snrs. Drs. HERNÁNI MONTEIRO e AMANDIO TAVARES, e, à esquerda, pelos Snrs. Drs. GARCIA BOENTE e GALO BAQUERO, representante do Colégio Médico da Corunha.

Em lugares de honra, sentam-se homens ilustres nas ciências e nas letras. Assistência numerosa e distinta.

O Snr. Prof. MONTÉQUI dirigiu saudações aos congressistas e agradeceu-lhes a prova de afecto com que distinguiram a Universidade, realizando, ali, a sessão de encerramento das Jornadas. Felicitou-os pelo valor dos trabalhos apresentados, destacando a contribuição portuguesa.

Os nomes de NOVOA SANTOS e de outros médicos, que passaram pela Faculdade de Medicina de Santiago, foram envolvidos em palavras de sentida homenagem.

Ao referir-se ao «Instituto de Estudos Portugueses», classificou-o de monumento erigido ao espírito organizador de RODRÍGUEZ CADARSO e teceu o elogio do presidente das Jornadas pelo brilho com que dirigiu o Curso de Cirurgia Experimental.

«Portugal não é um País pequeno, será sempre grande pelo espírito, mesmo sem colónias».

Saudou, depois, os portugueses de quem partiu a ideia desta homenagem a RODRÍGUEZ CADARSO. Este motivo é de orgulho para a Universidade de Santiago de Compostela, em cujo labor está vinculada a obra do malogrado anatómico.

Falou, a seguir, o Snr. Dr. GARCIA BOENTE, que saudou os médicos que tomaram parte nestas Jornadas. Dirigiu, além disso, palavras de estima aos portugueses, enaltecendo-lhes, também, a ideia desta homenagem a



Santiago de Compostela — Universidade

RODRÍGUEZ CADARSO e, ainda, a de terem dedicado à memória deste professor todos os trabalhos de Anatomia normal e de Anatomia patológica, apresentados ao Congresso.

As Jornadas terminaram, disse, mas o valor do Congresso evidenciar-se-á, logo que sejam publicados os seus trabalhos.

Saudou os professores HERNÁNI MONTEIRO, AMANDIO TAVARES, MARCK ATHIAS, FROILANO DE MELO, MAXIMINO CORREIA, MONTÉQUI, NOVO CAMPELO, ANGEL ECHEVERI, os Drs. PEÑA e REGUERO e todos aqueles que colaboraram nas Jornadas.

Rematou o seu discurso, propondo a criação de um hospital moderno em Santiago.

Tem, agora, a palavra o Snr. Prof. ECHEVERRI, discípulo de CADARSO e seu sucessor na cátedra. Iniciou a sua oração com saudações aos que contri-



No Paraninfo da Universidade de Santiago de Compostela — Sessão de encerramento das «Jornadas» e de homenagem à memória do Prof. Rodríguez Cadarso

buiaram para o esplendor das Jornadas e, reunindo gratas recordações do Mestre, enlaçou-as com fios de saudade.

Em tôda a vida universitária, sente-se o esforço criador de RODRÍGUEZ CADARSO, que toma vulto e relêvo dentro do seu laboratório de Anatomia.

Lembrou, seguidamente, o tempo em que trabalhou na Faculdade de Medicina do Pôrto e focou o labor de portugueses e espanhóis.

A terminar: «Perdi um Mestre em RODRÍGUEZ CADARSO, mas encontrei outro de valor em HERNÁNÍ MONTEIRO».

Ergueu-se, então, o presidente das Jornadas, que, de início, proferiu palavras de agradecimento pelas honras que lhe tinham sido dirigidas, anteriormente. E, a seguir: «Não é por palavras (ainda as melhores dispersa-as depressa o turbilhão do tempo, disse ANTÓNIO CANDIDO) senão por obras, que o próprio tempo respeita, que os homens se impõem à nossa consideração. Nem convém, ponderava MAGENDIE julgar os homens pelos discursos, mas sim pelos seus actos».

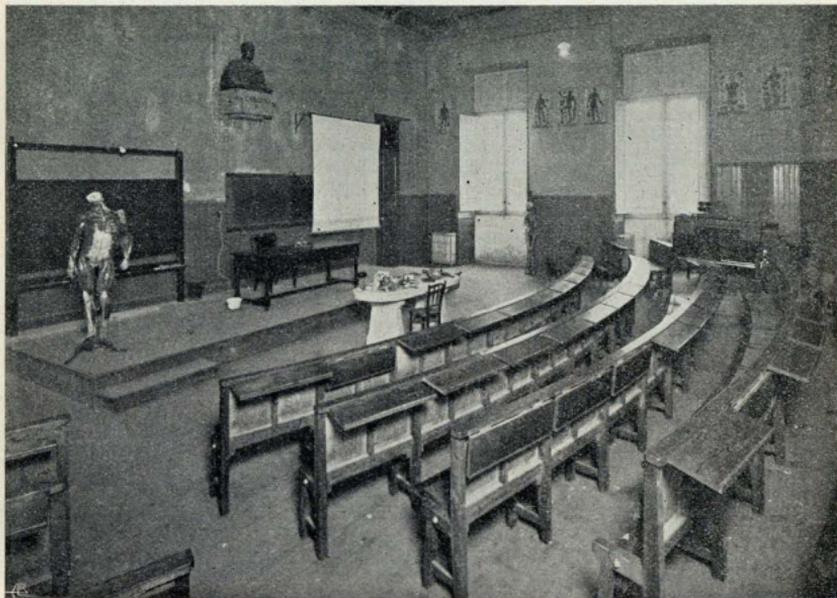
A personalidade de RODRÍGUEZ CADARSO começou a ser, depois, forte-

mente delineada, até atingir a grandeza e a elevação da sua espiritualidade inconfundível.

O deputado que pugnou sempre pelos progressos da Galiza, o Reitor da Universidade compostelana, a cujos destinos presidiu com nobreza e competência e o professor, zeloso e proficiente, modernizando a sua cátedra de Anatomia, formaram a superfície basilar da figura do grande amigo de Portugal.

O Sr. Prof. HERNÁNI MONTEIRO aludiu, depois, a algumas das realizações do saúdoso professor: aos melhoramentos introduzidos em vários departamentos da Universidade de Santiago, à criação do «Instituto de Estudos Regionais», do «Instituto de Estudos Portugueses» e à «Residência de Estudantes».

Salientou, além disso, o papel de CADARSO na aproximação cultural entre portugueses e galegos, referindo-se à fundação, com o professor lisbonense, Sr. Dr. HENRIQUE DE VILHENA, da «Sociedade Anatómica Luso-hispano-americana», destinada a unir os morfologistas da língua portuguesa e espanhola; à



Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela — Anfiteatro de Anatomia

criação do «Instituto de Estudos Portugueses» por onde têm passado vários estudiosos de Portugal, dos ramos de Medicina e das Letras; às conferências de CADARSO nas Faculdades de Medicina de Lisboa e Pôrto; à iniciativa de enviar alguns dos seus discípulos mais distintos a estudar em clínicos e laboratórios portugueses; ao entusiasmo do infortunado anatómico pelas Jornadas Médicas, conseguindo, sempre, desde a primeira assembleia, na Corunha, a cooperação dos seus colegas de Portugal; à admiração e amizade de CADARSO pelo nosso País, patenteadas em multiplas ocasiões.

E, tornando cada vez mais evidente o valor do ilustre catedrático, o investigador da escola do Pôrto mencionou, ainda, a nomeação de CADARSO para membro de várias sociedades científicas e culturais lusitanas, a concessão pelo nosso Governo da comenda da Ordem da Instrução e a homenagem pública que, depois do seu falecimento, lhe prestou a Academia de Ciências de Lisboa.

«Homem de ciência e espírito culto, afirmou o orador, quis restabelecer a velha tradição perdida da inter-cultura de Portugal e Espanha, nesses tempos idos, em que portugueses aprendiam e ensinavam nas famosas universidades espanholas e em que mestres espanhóis se sentaram em cátedras portuguesas».

Por tudo isto, a Comissão organizadora do Congresso resolveu prestar esta homenagem ao chorado presidente das Jornadas de Lugo e dedicou-lhe, no decurso dos trabalhos de Orense, uma sessão especial em que se leram as comunicações escritas sobre Morfologia.

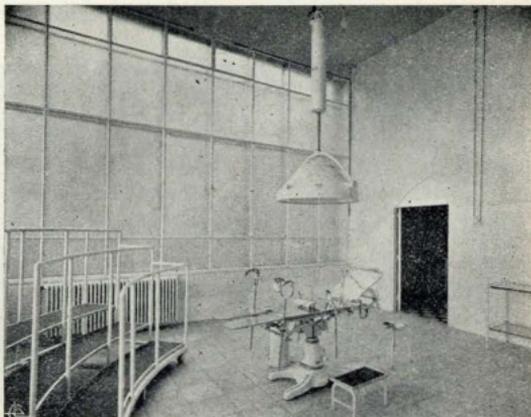
«Promovendo esta homenagem, continuou o Snr. Dr. HERNANI MONTEIRO, quisemos patentear a gratidão dos portugueses e, ao mesmo tempo, honrar a alta memória de quem sempre, e em tôdas as circunstâncias, cumpriu, com austera dignidade, os seus deveres, como homem, como médico e como professor — a memória de quem prestou ao seu País, com civismo exemplar, relevantes e contínuas benemerências, procurando ser útil à Galiza onde nasceu, prestigiando a Medicina, a que se dedicou, lutando por levantar o ensino que lhe confiaram e por engrandecer a Faculdade, a que pertencia, e a Universidade, a cujos destinos gloriosos presidiu, abrindo, enfim, mercê da sua inteligência privilegiada e firme vontade de bem-fazer, graças à sua mentalidade de excepção e à reconhecida pureza dos seus propósitos, largas vias e originais directrizes no trabalho dos seus sucessores».

Quási a rematar: «ALEXANDRE RODRÍGUEZ CADARSO tornou-se para sempre lembrado e continuará a viver na saúde que nos deixou».

E o orador, recordando atitudes gentilíssimas, terminou a sua oração com as palavras do poeta; «A amizade de um grande homem é um benefício dos Deuses».

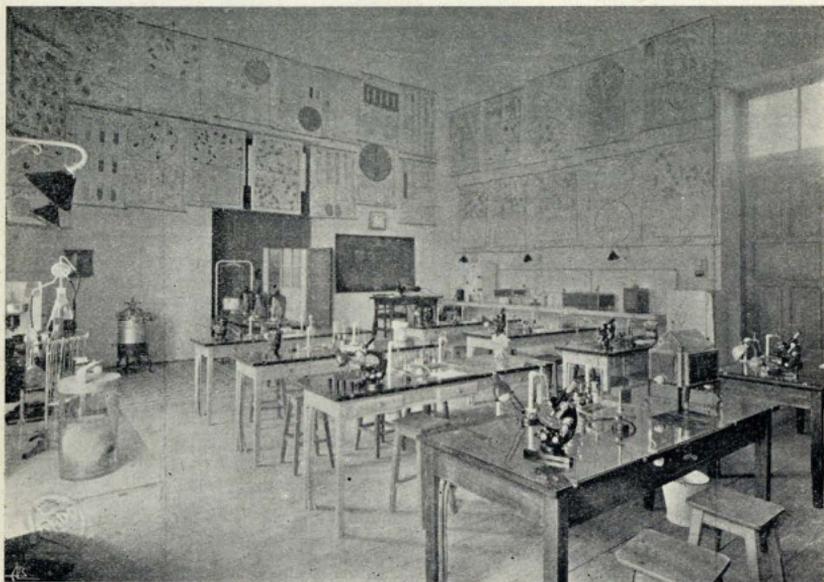
Em nome dos conferentes que passaram pelo «Instituto de Estudos Portugueses», uzou da palavra o Snr. Dr. FIDELINO DE FIGUEIREDO.

O ilustre escritor começou o seu discurso por dizer que vinha a uma douta assembleia de médicos e professores, êle que médico e professor não era, para trazer a sua contribuição para a homenagem à memória de alguém que



Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela — Uma sala de operações do Hospital Escolar

foi médico e professor muito ilustre. Poderia, para justificar a sua presença, já bondosamente explicada pelo seu admirado e querido amigo, Prof. HERNÁNI MONTEIRO, sofismar sobre as supostas identidades mentais do médico e do escritor, o primeiro aplicando-se ao estudo do alicerce físico da personalidade, ao que de seguramente científico pode conter o seu conhecimento, o segundo aplicando-se à alta esfera da actividade psicológica, ao que de contingente e imprevisível nela se contém; afinal, um e outro convergindo na compreensão do próprio homem. Mas nem essa dialectica será necessária, porque, se os rumos profissionais os separaram, outras afinidades os aproximaram: o espírito político, isto é, o halo de preocupações de acção social e simpatia humana, que vem corrigir os excessos do especialismo e do tecnicismo; e o modo de compreender o problema das relações hispano-portuguesas. Este problema das relações entre Portugal e Espanha é um problema cansado, tantas as discussões que o



Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela — Laboratório de Higiene

têm versado e as paixões que o têm envolvido; mas não é um problema gasto, nem solucionado, porque está presente no decurso da história portuguesa, desde que os barões de Afonso Henriques ergueram neste litoral atlântico uma pequena pátria, superior ao determinismo geográfico e às comunhões de raça, de língua, de religião e de tipo de civilização. Através dos séculos, quasi tudo que se fez na vida interna de Portugal se fez com Espanha ou contra Espanha, e por Espanha a curta ou a grande distância. Sem possibilidade de expansão continental, porque lh'a cortava a cunha castelhana, escasso de população e de meios económicos, Portugal teve de procurar para a sua vida política e para a

sua vida económica, fulcros ou pontos de apóio fora da sua base de sustentação, que foram sucessivamente a hegemonia espiritual da Santa Sé para a monarquia agrária dos séculos XII-XV, o mar para a monarquia de Aviz e a aliança inglesa para a monarquia de Bragança. Assim, se formaram êsses três binários político-económicos, que, longamente, dominaram a nossa vida histórica; Romalavoura; mar-Índia; Aliança inglesa-Brasil. E daqui nasceu, também, o drama doloroso de toda a história portuguesa, o perpétuo conflito entre as aspirações de genialidade da alma portuguesa e as condições de mediocridade da vida portuguesa; a amargura dum povo que misteriosamente engendrou homens de espírito universal e logo os lapidou em meio da sua obra portentosa. Daqui, o carácter de inacabado de todas as grandes empresas portuguesas, grande concepção e limitado poder de execução, dilema triste que as « capelas imperfeitas » da Batalha simbolizariam a preceito.

O século XIX, com o liberalismo, abriu a crise da acção galvanizadora dêsses dois últimos mananciais de autonomismo e de pão; e, nos modernos decénios, esboça-se um quarto binário: cultura-Africa. Essa cristalização de alicerces e de objectivos da vida portuguesa é, ainda, indistinta para muitos observadores, mas inclina-se a crer que ela está em plena marcha: realizada pela história uma inconfundível diferenciação humana entre os dois povos peninsulares, passadas todas as veleidades indiscretas de negar a obra da história, Portugal achará no seu labor cultural, a bem da inteligência e da dignidade humana, e, numa quarta *étape* da sua carreira colonizadora, suficientes e gloriosos motivos de sobrevivência e de afirmação da sua personalidade.

Também Espanha, depostas as armas das suas fadigas guerreiras multi-seculares, encontrou campo novo de actividade e motivos novos de prestígio no mundo, escrevendo uma gesta nova, a da cultura, afirmando a sua capacidade criadora em muitos aspectos do pensamento, proporcionando ao mundo preclaros colaboradores, nesse afan de explicar o homem e o universo, e de esclarecer e minorar a dor e a luta. Mais adiantada nessa tarefa ingente, Espanha pode exercer, com as suas cordiais afinidades de parentesco, uma salutar acção sobre os homens de pensamento do nosso País. A forma actual do velho problema das relações hispano-portuguesas seria, pois, a duma franca colaboração cultural. Por ela vem advogando, há anos, e por ela advogou e realizou com mestria o insigne Prof. RODRÍGUEZ CADARSO, que, ver-se-á agora, sendo médico, em larga zona confinava com o sector das actividades do orador. Como o seu ascendente pessoal e a sua posição política lhe proporcionavam meios, CADARSO pôde fundar esse organismo do « Instituto de Estudos Portugueses », que vale como uma lição duradoura. Este anatómico vibrava dum profundo espírito político e soube ver que não era político, nem económico, o campo de encontro amistoso dos dois povos irmãos, que o era o campo da colaboração cultural; e que as universidades fronteiriças de Espanha eram como agrafes espirituais, a enlaçar e a prender com os vínculos fortes e perduráveis da inteligência e do afecto. Soube ver que a província da Galiza era a porta espanhola que mais patente se abriria aos ventos portugueses e que o norte de Portugal, minhoto e transmontano, era também a zona mais permeável ao galeguismo. E, por esta tribuna da nobre universidade compostelana, a cuja criação Portugal tem o dever de retribuir, passaram portugueses numerosos, homens de ciência, professores e homens de letras, todos a exemplificar e a patentear o que de universal há no labor intelectual português e a buscar, por essa via galaico-nortista, o que de universal há na mente espanhola. Não se estranhe esta

ânsia de universalidade, recorde-se antes que Portugal e Espanha foram, nos séculos renascentistas, os verdadeiros obreiros do sentido universal da existência.

E nada mais, meus Senhores — rematou o erudito académico — nada mais



Santiago de Compostela — Portada do Hospital (século xvi)

senão curvar-me ante a memória querida de RODRÍGUEZ CADARSO e ante o rasto luminoso e afectuoso da sua curta peregrinação pela vida.

Por último, o Snr. Dr. DIZ y LOIS, secretário geral das «Jornadas Médicas, Galaico-Portuguesas», leu as seguintes resoluções dêste Congresso:

- 1.^a — *Que as próximas Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas se celebrem em Portugal, no Pôrto, em 1937.*
- 2.^a — *Que o presidente das Jornadas seja um médico galego.*

- 3.^a — *Que a eleição do presidente se realize por representantes da Faculdade de Medicina de Santiago, dos quatro Colégios Médicos, da Galiza, e das Academias da Corunha e de Vigo, os quais designarão os relatores e os assuntos a versar e, ainda, os conferentes.*
- 4.^a — *Que a Faculdade de Medicina do Pôrto tenha amplos poderes para organizar as referidas Jornadas e seja quem nomeie a comissão organizadora.*
- 5.^a — *Que, em princípio, serão suficientes dois relatórios e duas conferências repartidas em partes iguais.*

Com a aprovação, por unanimidade, destas resoluções, foram encerradas as «Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas», em que todos os congressistas procuraram honrar as suas Pátrias, dignificar as suas Escolas e prestigiar a sua profissão.

No Hotel Compostela, pelas 22 horas, realizou-se um banquete de confraternização, a que assistiram muitos congressistas, alguns dos quais se fizeram acompanhar de distintas senhoras de família.

A imprensa do Pôrto, que seguiu de perto as «Jornadas de Orense», estava representada pelos diários «O Comércio do Pôrto» e «O Primeiro de Janeiro». O primeiro pelo distinto jornalista, Snr. HUGO ROCHA, e o segundo pelo autor destas linhas.

Inaugurou a série de brindes o Snr. Prof. NOVO CAMPÊLO. Em nome dos médicos galegos, saudou os congressistas, o seu discípulo, Dr. GARCIA BOENTE, pela lembrança do hospital moderno, e o Reitor da Universidade, Prof. MONTÉQUI. Saudou, depois, as damas portuguesas e as de Orense, erguendo a sua taça pela aproximação luso-espanhola, pela Faculdade de Medicina do Pôrto, por Portugal, Espanha e Galiza.

Mais uma vez, o ilustre Director da Faculdade de Medicina de Santiago demonstrou a grande simpatia que dedica ao nosso País. Além de palavras, estas manifestações de estima têm sido traduzidas por factos, como o de ter enviado o seu filho, Dr. ALEXANDRE CAMPÊLO GONZÁLEZ, com cuja amizade muito me honro, a freqüentar os serviços especiais de Obstetria e Ginécologia da Faculdade de Medicina do Pôrto, dirigidos pelo Snr. Prof. MORAIS FRIAS.

E, aproveitando esta oportunidade, seja-me, contudo, permitido felicitar aquele jovem colega pelo prémio que, recentemente, obteve em Madrid, por unanimidade do júri, no acto de doutoramento em Medicina e Cirurgia.

Estudante, igualmente, premiado no bacharelato e na licenciatura de medicina, o Dr. ALEXANDRE CAMPÊLO, mercê de tódas as suas qualidades, tem diante de si um largo futuro, digno do nome de seu estremecido pai.

Como vinha referindo, brindou, a seguir, o Snr. Dr. ALVARO RUIZ que manifestou o seu agradecimento pelas atenções dispensadas aos congressistas e saudou as damas de Portugal.

Depois, o presidente das Jornadas, em nome dos médicos portugueses, agradeceu a colaboração das entidades e de todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para o brilho das reuniões de Orense e referiu-se ao elevado grau de cultura dos médicos espanhóis e portugueses.

E, seguidamente, disse que «tantas foram as atenções que nós, portugueses, recebemos, tão grande a simpatia que nos cercou, tão risonho o ambiente em que vivemos durante êstes dias inolvidáveis, que se escoaram com tanta

celeridade — que nós, ao avizinhar-se a hora da partida para Portugal, começamos a sentir aquela doce tristeza que a palavra saudade traduz, e que eu não sei definir. Mas peço ao nosso JOÃO ROIZ DE CASTELO BRANCO que vo-lo diga, naqueles seus versos tão simples e ingénuos do século XV ».

« Hoje quem parte somos nós, portugueses. E a quem nos dirigimos é a vós, à vossa Galiza de sonho, a que tanto queremos e que tão bem nos quer ».

« Ouvi:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
Tão tristes, tão saudosos,
tão doentes da partida,
tão cansados, tão chorosos,
de morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida,
partem tão tristes os tristes,
tão fora de esperar bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns de ninguém.

« Vamos partir, é certo, levando nos olhos tôda essa tristeza em que nos fala o poeta. Todavia, alguma coisa nossa vos deixamos ».

« Se me permitis modificar levemente um verso de GIL VICENTE, dir-vos-ei:

Já vedes nossa partida,
Nossos olhos já se vão,
Se se parte a nossa vida,
Cá nos fica o coração.

« Sim. Fica o nosso coração convosco, a dizer-vos quanto desejamos a prosperidade de Espanha, o engrandecimento da Galiza, o progresso da Universidade compostelana, a felicidade de cada um de vós e de vossas queridas famílias ».

O Snr. Prof. AMANDIO TAVARES lembrou que se devia aplaudir o Dr. REGUERO LÓPEZ, organizador entusiasta das Jornadas de Vigo e o Dr. VILLAR IGLÉSIAS, organizador dêste banquete.

Por último, o Snr. Dr. REGUERO LÓPEZ, que tem na alma a Galiza inteira, saudou os congressistas e relembrou a memória de NOVOA SANTOS, organizador e animador das «Jornadas Médicas Galegas».

*

Terminaram as Jornadas. Como tudo que é grandioso só pode ser admirado a distância, esperemos, como disse o Snr. Dr. GARCIA BOENTE, na sessão de encerramento, pela publicação dos trabalhos apresentados ao Congresso.

A obra de CADARSO, e de quantos têm contribuído para o engrandecimento da aproximação cultural luso-galaica, começou já a evidenciar-se, com brilho intenso e resultados notáveis. E, com tam belos auspícios, é justo que viva, cresça e reflorêsca, para honra e glória da Galiza e de Portugal.

Pôrto, Outubro de 1935.

Vilas-Bôas Neto.

AMINARGIRIO

ESTÁCIO

Para a terapêutica antilúética endovenosa em solução isotônica

BASE: Cianeto duplo de hidrargirio e hexametilenamina ^(a)

AMINARGIRIO A

AMINARGIRIO B

(a) O radical amina que entra na sua fórmula é o mais enérgico e o menos tóxico.

Composições	Indicações	Posologia e modo de usar	Preço
Aminargirio A Hidrargirio, calculado em cianeto (CN) ² Hg. 0 ^{gr} ,005 Hexametilenamina. 0 ^{gr} ,05 Sôro isotonisante, q. s. para 1 c. c.	Para a terapêutica antilúética por via endovenosa. Especialmente indicado a indivíduos portadores de lesões renais a quem esteja contra-indicado o NaCl (cianetos injectáveis, isotonisados pelo cloreto de sódio).	ADULTOS: Uma injeção de 1 ou 2 c.c., exclusivamente por via endovenosa. Todos os dias ou dia sim, dia não. CRIANÇAS: Doses variáveis conforme as idades.	CAIXA com 12 empôlas de 2 c. c. 15\$00
Aminargirio B Hidrargirio, calculado em cianeto (CN) ² Hg. 0 ^{gr} ,01 Hexametilenamina 0 ^{gr} ,01 Sôro isotonisante, q. s. para 1 c. c.	De efeitos seguros em todos os casos em que seja necessário o emprêgo do cianeto de Hg. por via endovenosa.	Aplicação em séries de 12 injeções com o intervalo de uma semana, pelo menos.	CAIXA com 12 empôlas de 2 c. c. 16\$00

Laboratórios Estácio

PEDRAS SALGADAS

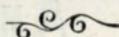
SABROSO

VIDAGO

MELGAÇO



As



EXCELENTES

AGUAS

MINERAIS

QUE TODOS

BEBERÃO

COM PROVEITO



Residências de estudantes

Ao propôr-me dizer duas palavras sôbre êste assunto que tão querido deveria ser de todos os estudantes, cumpre-me, em abôno da verdade, declarar que estas linhas não traduzem os primeiros esforços para a realização de tão importante problema.

Outros, antes de mim, se serviram da pena para mostrar quão necessárias são as residências de estudantes na renovação universitária que os governos se propõem fazer, de modo a aproveitarem, num futuro próximo, o máximo de trabalho que ao acadêmico seja possível produzir.

Da educação completa do indivíduo durante a vida de estudante, da correção dos seus defeitos e da orientação das suas qualidades, resultará uma sociedade onde a elite seja na realidade uma elite, que tenha utilidade.

Ultimamente, foi publicado um decreto que reformava os serviços do funcionalismo civil e que apontava como razão de não serem suprimidos totalmente os indivíduos que ocupavam dois lugares do estado, o seguinte motivo, que transcrevo textualmente, por o achar absolutamente justo: «a impossibilidade de prover convenientemente alguns lugares em país tão pobre de competências como o nosso».

Ora, as Universidades lançam todos os anos nas fileiras dos que trabalham, milhares de licenceados, que não satisfazem no desempenho das suas funções, porque estas lhes solicitam conhecimentos que elles não adquiriram devido a uma educação defeituosa.

Isso suprime-se, em parte, com a criação de uma residência de estudantes, à frente da qual se encontrem indivíduos que procurem seleccionar o maior número de elementos, para depois os orientar e, fazendo-os passar pelos bancos das Faculdades, os pôr finalmente na sociedade: formados.

SIMÕES RAPOSO, saudável secretário da «Junta de Educação Nacional», tam cêdo vítima das Parcas terríveis, continuou, depois de deixar a vida académica, a acção que nesse tempo havia iniciado, em prol da criação das residências de estudantes, mas a morte ceifou-o antes que pudesse ver o que o seu cérebro visionara e o seu coração sentira, como sentia tudo aquilo de que resultasse a elevação da moral e o levantamento da cultura do estudante. Outros esforços teem sido dispendidos e dêles breve daremos conta, mas, a-pesar disso, até hoje têm-se malgrado todos; isso, no entanto, não é razão para desanimarmos, tanto mais que nós, os directamente interessados, não mostramos ainda a nossa opinião, que deveria ter sido a primeira a ser emitida.

«Germen», ao iniciar a campanha para a criação das Residências dos estudantes do Pôrto (R. E. P.), não o faz com outro fito, que não seja o de tentar nivelar o estudante português com o estrangeiro, torná-lo semelhante ao espanhol, francês, etc., cada um com as suas características próprias que lhe advêm da tradição e do sangue que lhe corre nas veias, e, assim, em cada um dos números seguintes chamará até nós tôdas as organizações semelhantes, para que a sua história, os seus fins, o seu funcionamento e os seus aspectos

sejam o aguilhão que nos estimule o entusiasmo... pelo que é para nós próprios.

Necessários se tornam auxílios de toda a espécie e de toda a gente, em especial apoio moral e sobretudo dos estudantes universitários.

Vários jornais académicos têm sido publicados, mas não creio que nenhum, até hoje, tivesse versado nas suas colunas este tema, o que muito me admira, atendendo a que as R. E. existentes no estrangeiro são creadas nos moldes dos antigos colégios da época medieval e da renascença que passaram a fronteira e chegaram até às portas da lusa-Atenas.

Para combater o motivo que faz malograr as experiências académicas, por mais nobres que sejam os seus fins, mais desinteressados os que trabalham para conseguirem a sua realização, permiti que vos conte um episódio que se passou em 1837 e que, volvidos cem anos, ainda se repete, fazendo falir tudo o que corações de verdadeiros estudantes têm sentido e boas vontades têm tentado executar.

Em 1835, um grupo de académicos levava à cena, num pequeno teatro, que resultara da transformação da sala de jantar dos cônegos de Santa Cruz de Coimbra, a peça «Catão», de ALMEIDA GARRETT.

Um êxito retumbante leva êsses briosos académicos, juntamente com outros que compreendiam as boas iniciativas como elas devem ser compreendidas, à criação de um teatro, por conta própria.

Na inauguração da casa que era sua, repuzeram em cena a mesma peça e o êxito foi, como da primeira vez, completo. Creou-se então, dois anos depois, uma «Academia dramática» com estatutos impressos, que, entre outras coisas, procurava estimular trabalhos literários e artísticos sobre declamação teatral, bem como tudo que significasse progresso das belas artes e letras pátrias; antes, porém, que os estatutos estivessem aprovados, já os seus autores se sentiam afastados pela eterna discórdia provocada no seio dos que trabalham pelos que lhes querem usurpar os frutos que só pertencem aos primeiros.

Resultado, foi a «Academia Dramática» representar o último drama, que consistiu no seu desmoronamento e, no entanto, por lá passaram figuras como TEÓFILO BRAGA, EÇA DE QUEIROZ e outros.

Pois bem; as residências de estudantes suprimem os fungos que apodrecem as boas iniciativas e ao mesmo tempo encoraja aqueles que possam produzir, dando-lhes, ao mesmo tempo, benefícios materiais que em parte alguma se podem alcançar e a que se juntam condições de vida próprias de indivíduos que procuram integrar-se no verdadeiro significado da palavra com que são qualificados: estudantes.

Uma residência de estudantes não é um «club»; é uma casa de família, de uma grande família — a academia — em que, aliada ao bem estar material, se encontra uma sólida educação e até instrução na convivência com o seu Director e os que com êle colaboram.

Naturalmente, o Director de uma residência não é um indivíduo que conta no seu activo milhares de adjectivos, mas sim aquele que pelo seu «curriculum vitae» prove ser um chefe competente e capaz de desempenhar as funções em que o investiram e que, mal dê provas do contrário, deverá ser afastado, porque prejudica o estado e a sociedade, deturpando os fins para que foram criadas as residências.

Queria que todos trabalhásseis para a R. E. P., com o entusiasmo de novos dispostos a vencer todas as dificuldades e com a sinceridade própria de homens

a quem podem ser descobertos os desígnios tão simplesmente como os descobria a fonte acadina, ao afundar nas suas águas as tábuas em que os antigos escreviam os seus juramentos, quando elles eram falsos.

* Não são precisas muitas palavras; basta integrarmo nos completamente, e com o entusiasmo de uma geração iluminada, nesta realisação e... mãos à obra.

E' assim que «Germen» segue a linha de conduta que traçou ao escrever na sua capa: Revista dos estudantes de Medicina do Pôrto.

Mas não é só para cumprir o significado de quatro palavras que aqui estou; a isso, junta-se o meu entusiasmo próprio, que não deve ser mais do que um factor de um agregado que é composto de, talvez, algumas centenas de outros iguais.

Por isso, não trabalhemos «a capriccio», porque não obteremos o efeito desejado; não exerçamos a nossa acção por surtos, mas antes dediquemos a esta obra os nossos esforços contínua e progressivamente, interessando quem tenha ombros capazes de arcar com tal responsabilidade e frente clara, capaz de receber os louros da sua realisação, de tal modo que elles não lhe façam sombra, permitindo que vejam o caminho que encetaram e do qual ainda não percorreram mais do que meia dúzia de passos.

O mais abrupto está para percorrer depois da sua construção, até se encontrar caminho em que depois se possa andar com segurança, sem receio de que tudo o que está feito se desmorne.

E' muito difícil fazer, mas extremamente simples deixar derruir o que não seja, senão aparentemente, sólido.

Assunto destes tem de ser bem pensado, bem estudado e... realizado.

Corramos a Europa de ponta a ponta e, de certo, não ficaremos satisfeitos se depois de uma autoanálise nos compararmos ao estudante de além fronteiras.

Casas de estudantes de Varsóvia, colégios de Oxford, Cambridge, casa dos e das estudantes de Paris, cidade universitária de Roma, residências de Madrid, Santiago, Salamanca e paremos, depois desta longa viagem, na cidade mais estudantil portuguesa: Coimbra.

Lembra o viajante que depois de visitar as grandes cidades cosmopolitas, onde o luxo, a luz e o prazer são razão de ser da vida, vem parar à porta de uma estalagem de aldeia no meio de uma montanha... perdão para a comparação, que aí vive-se bem, com sol, com luz e com o prazer de quem sente a vida do corpo na vida da alma, com a sinceridade do aldeão.

Depois de uma viagem destas, quasi me sinto com vontade de ser de novo gaiato para poder pedir ao meu pai a casa de papelão que vi na mão do meu colega da escola, quando era pequeno.

Acompanhemos a evolução de tudo isto e veremos o gaiato tornar-se homem, a casa de papelão aumentar e tornar-se a nossa casa e o meu colega da escola lá longe, para lá da fronteira, já homem, a rir-se de mim que nada tenho. E' triste, mas talvez o tenhamos merecido.

Uma residência de estudantes seria o desabrochar de rosas brancas e finas, no meio dos cardos e os seus frutos o trigo que se não deixa esmagar pelo joio.

Mas de que vale sonhar com quimeras de ouro, se não podemos manejar senão o ferro enferrujado?

Não é assim; nós somos também representantes da grande raça latina, herdeiros de quem deu já tanta luz ao mundo, que, servindo-nos dela, mais facilmente caminharemos pela estrada do progresso que faz o nome dos povos que a seguem e que novamente nos restituirá o que tivemos.

Uma residência de estudantes seria a alavanca que nos guindaria, não digo aos pincaros da civilização, mas pelo menos ao nível dos outros povos de que estamos muito afastados, por ora.

Um estudante completo gera um elemento completo para a sociedade e um povo selecto é um povo eleito porque o trabalho faz os homens e os sábios.

Como appareceriam Roux, CALMETTE e tantos outros, se não os tivesse orientado uma cabeça como a de PASTEUR? Donde nos viriam os VASCOS DA GAMA, AFONSOS DE ALBUQUERQUE, se não tivesse existido um INFANTE D. HENRIQUE?

Não é a escassez de valores nas fileiras dos futuros proletários da intelectualidade que poderá observar quem o queira, mas sim a falta de orientadores.

Procurem-se os seleccionadores cónscios do seu papel, preparem-se indivíduos para a orientação das gerações novas e os resultados da criação de uma residência de estudantes serão tão brilhantes como os obtidos lá fora, se não forem superiores, dadas as nossas excepcionais condições de adaptação a tudo o que seja progresso e elevação do nosso próprio nome.

Filantropia académica, diversões em teatro e cinema próprios, campos de jogos em que possamos juntar à beleza do espírito o corpo são dos espartanos, biblioteca seleccionada, completa e tendo à frente dela alguém que nos conduza pelo caminho direito, sem desvios que só servem para perder tempo, onde estão?

Profilaxia da hygiene dos costumes, da saúde, a começar pela qualidade da alimentação, existem, na maior parte das habitações do académico?

Nada e não — são as expressões tristes, mas verdadeiras, que respondem a estas perguntas.

Se é certo que as últimas gerações são das que têm a sua cultura mais desfalcada, também não é menos certo que as gerações que presentemente passam pelas universidades, são das que mais gosto têm em contribuir com a sua boa vontade, e até com o seu entusiasmo, para a execução de tôdas as remodelações que visem o seu levantamento, que reconhecem de utilidade própria e para a nação.

Estou crente em que cedo voltaremos a ocupar o nosso lugar no seio dos povos, já que começamos por merecer a atenção de quem no-la pode e deve dispensar.

Domingo; a chuva cái em grossas bâtegas lá fora e o relógio sôa II badaladas lúgubres e pesadas como esta noite de inverno...; corro os olhos pela minha estante de fio a pavio, como sóe dizer-se, e retiro-os, para me entreter a ver o espectáculo da natureza: a chuva a cair a cântaros, os transeuntes retardados molhados até aos ossos e espero, mais uma vez, o som lúgubre e monótono da torre, que me há-de acordar desta apatia com o ruído dos quartos, das meias horas e das horas que repete.

Pois se os meus livros são para mim tão conhecidos como o caminho que todos os dias trilho para a Faculdade, não hei-de apreciar as belezas tristes da natureza e procurar nela, no relógio e nos transeuntes o entretenimento para este tempo que me cresce do meu trabalho?

Se houvesse uma residência de estudantes em que a camaradagem fôsse um facto e as bibliotecas uma verdade, talvez já não queimasse êstes momentos de ócio a apreciar os espectáculos que apontei.

Desculpai-me que vos leve até tão longe: em Paris, na residência dos estudantes, a biblioteca abre às 9 e encerra as suas portas às 22. Dessa hora em diante todos podem requisitar os seus livros, todos podem esquecer as insónias na leitura e matar o «spleen» com os resultados da boa camaradagem adentro da residência.

Que importa assim o inverno, a chuva... , se há uma biblioteca em que não são precisos cobertores para evitar as pneumonias, nem «édredons» para sentir as pontas dos dedos dos pés?

A não ser assim, temos de começar por sermos milionários, de modo a podermos adquirir os livros necessários à nossa cultura.

E êles são tantos e tão caros...

Para se conseguir que um estudante saía de uma Faculdade com um diplôma em que as côres que o adornam não sejam significadoras de quási ignorância em todos os assuntos, excepto naquele que elas simbolizam, torna-se necessária uma remodelação nos serviços universitários.

E essa remodelação não será completa, se se servirem apenas de diplômas, por melhores que sejam, tendentes à criação de um plano geral de modificação de programas, modificações de decretos existentes, porque isso não conseguirá mais do que tornar dia a dia o templo de Minerva num templo de sacrifício.

E' por uma residência que se deve começar, formando (no sentido completo da palavra) um grupo de indivíduos, — a exemplo do que aconteceu em Madrid na sua residência que, a princípio, admitiu só 17 académicos — que em breve se aproveitariam para transmitir aos novos agregados a educação e instrução cuidadosas que receberam dos seus Directores.

A mocidade académica poderá ser completamente orientada, como massa plástica que pode dar belos gêssos, ou como mármore que em bruto pode ser aproveitado para fazer uma negação da arte ou uma obra prima que perpetue o nome do seu autor.

O estudante é um indivíduo a quem se devem inculcar as rígidas noções de dignidade e do devêr, para depois se lhe darem garantias de vida, opondo assim ao descalabro da civilização uma barreira que nada conseguirá transpôr, dando-lhe uma noção nova do seu valôr absoluto e não de um valôr relativo a... nulidades.

As residências de estudantes se imporá depois uma tarefa grandiosa, desbastando e burilando as mentalidades, para, finalmente, apresentar à sociedade indivíduos que serão moléculas de uma estrutura organizada e não, como até aqui, elementos que ou se formam depois, à sua própria custa, e por isso são muito poucos, ou elementos que se servem de todos os processos para singrarem, provocando a formação de sociedades desbragadas porque constituem as «élites».

Sendo assim, na luta hodierna pela vida, sobssobrará o princípio de DARWIN, para dar lugar ao princípio da predominância dos cultos, que, sendo-o, empregarão a sua cultura em estender até aos outros a necessidade de se aperfeiçoarem e assim produzirem o levantamento de um pòvo em geral que na realidade vê no bom nome da sua pátria a pureza mais acentuada dos seus sentimentos.

Não deixemos acabar os Luziadas em D. SEBASTIÃO, mas procuremos aperfeiçoar-nos de modo a merecermos o nome de descendentes dos da época áurea de Quinhentos.

Não compreendereis bem o meu pensar, se julgardes que chamo até aqui os nossos nomes de letra grande, para me iluminar com a sua luz. Se os invoco é porque a sua passagem pela terra se tornou mais notada do que todas as gerações somadas que lhes têm seguido.

A nossa mocidade atravessa uma crise de apatia e amorfismo que já é suficientemente longa para dar lugar ao reverso da medalha.

Sem abdicarmos das nossas características do antigo estudante, procuremos ser estudantes modernos, porque tudo evolui e não é a capa e batina que nos prejudica o desenvolvimento da «mens».

A forte consolidação das virtudes morais de um povo, única garantia de êxito para a obra do seu resurgimento, está na preparação das «élites», e elas de futuro serão constituídas por os que freqüentam agora as escolas.

Uma nova estréla surgirá no horizonte, plena de luz, vivificadora da alma do estudante que deseja ver convergir para êle as atenções e o carinho que a meu ver se traduzirão de início por a construção de uma residência de estudantes.

«Germen» não quer para si mais do que crear o ambiente propício à sua realização.

Se o futuro é dos novos, se amanhã seremos governantes e governados, esperamos que nos orientem, cuidando de nós de tal modo, que amanhã da nossa cultura resulte o progresso do país, por sermos bons governantes e, portanto, óptimos governados.

Uma residência de estudantes — perdõem-me que tanta vez repita estas duas palavras que me sabem aos torrões de assúcar de quando era pequeno — é uma necessidade que se impõe e para a qual devemos dar o nosso incondicional apoio; por nossa parte, façamos por merecê-la.

E mais ainda: numa residência de estudantes, um individuo pode ver as suas probabilidades tornadas factos, e dar seguimento aos seus trabalhos interrompidos com a sua saída de uma Faculdade.

Para terminar, vou-vos dizer o que é a residência dos estudantes de Santiago, em duas palavras para não vos massar mais por enquanto, pois que o assunto merecia um livro, se a minha pena soubésse traduzir o alcance de tão vasta obra que não é só académica, mas sobretudo social.

De passagem citar-vos hei a história da organização da residência dos estudantes de Madrid.

Sirvo-me para isso do relatório do saudoso secretário da nossa «Junta de Educação Nacional», Prof. SIMÕES RAPOSO.

Diz o seguinte o relatório apresentado pela «Junta de ampliação de estudos de Madrid» ao então ministro de Instrução, Conde de Romanones:

«Nos cursos superiores de Espanha, quasi só nos preocupamos com a parte instrutiva dos estudantes, e nada ou muito pouco com a parte a que poderíamos chamar educativa, propriamente dita, isto é, com o que tem por objecto a formação do carácter, dos hábitos, da cortezia no trato social, de tolerância e respeito mútuos. Os laços de solidariedade e camaradagem entre os estudantes são muito escassos ou quasi nulos, quasi não existem instituições escolares que fomentem a fraternidade e o estudo e os alunos só se veem

e relacionam durante o tempo em que permanecem nas aulas e é quasi exclusivamente para formular pedidos, que com lamentável frequência tendem à redução dos dias de aulas, que se costumam reunir e crear passageiros laços de solidariedade».

«E' preciso, para remediar êstes males, procurar influir de maneira mais decisiva e duradoura sôbre o carácter e os hábitos do estudante, e para isso, à falta de organismos tradicionais, que em Espanha já existiram e infelizmente desapareceram, temos de criá-los de novo, ainda que de momento seja em pequena escala, como ensaio sujeito às condições impostas pela experiência.

«O movimento educativo contemporâneo procura inspirar-se neste aspecto, na vida corporativa das universidades medievais, da renascença, retomando e organizando essa vida corporativa onde êsses organismos tradicionais não se tenham ainda extinguido, criando outras instituições, com novos tipos de vida escolar onde êles não existiram nunca ou onde desapareceram com o tempo. Assim, surgiram, nas Universidades dos U. E. A., da Inglaterra, das suas colónias e de outras nações, casas para residência de estudantes, de características múltiplas, consoante as condições do seu nascimento, da sua instalação, do seu regime e do seu tamanho.

«Mas à parte essas diferenças, existe em tôdas elas, como escolas características, a vida em comum, baseada nos princípios de liberdade, voluntariamente regulada pela influência de um ideal colectivo, pela acção que exercem as gerações já formadas sôbre as novas e pelo prestígio moral e intelectual dos directores na sua convivência com os estudantes. Tudo isto e a prática de jogos, exercícios físicos e duma *higiene* escrupulosa, assim como o culto da arte e das boas maneiras (mais uma razão, acrescentarei eu, para ser necessária em Portugal) tem influência decisiva, não só na assiduidade e no bom aproveitamento do tempo pelos estudantes, mas ainda, na formação do seu carácter e na sua preparação para a vida social, culta e tolerante».

Da criação de uma residência de estudantes, resultaria a integração das Universidades no meio social, do qual tem andado afastadas, com prejuizo para ambas as partes.

Belo e útil seria que todos os elementos que constituem a sociedade portuguesa se apaixonassem «de verdade» por êste assunto de flagrante actualidade e de oportuno interesse.

Do relatório atrás citado, resultou a promulgação de um decreto de que extraio as partes mais ligadas com êste assunto, que rezam assim:

«Artigo 1.º A Junta para ampliação de estudos e investigações científicas fundará em Madrid, com o fim de aproveitar as vantagens da vida escolar em comum e a sua acção educadora, uma residência de estudantes...

Art. 2.º Serão admitidos na residência de estudantes, os individuos que o sejam e além deles os graduados, tanto nacionais como estrangeiros, nas condições e mediante o pagamento da pensão que se determinem.

Poderão ser também recebidos como hóspedes alguns professores, quando as circunstâncias o permitam.»

Hoje, como estudantes, dediquemo-nos ao progresso do académico, à melhoria das condições materiais, morais e culturais do estudante e, assim, contribuindo com a nossa cota parte para o bem da nossa Pátria, seremos uma parcela útil que entra no somatório produtor dos povos; é esta a melhor política. Independentemente e ao mesmo tempo integrados numa idea fixa e inalterável, a

cultura dos povos, a elevação da nossa Pátria, o lugar justo da nossa classe e, portanto, as regalias próprias de cada estudante.

Permiti — julgai-me como quizerdes — que vos diga, que a nossa classe, podendo ser a mais favorecida, o não tem sido, talvez, por não o termos sabido merecer.

Como se compreende que ainda não tenhamos uma residência, se está demonstrado que ela só nos traz benefícios? Senão, vejamos saldos dos orçamentos da de Madrid, depois de pagar tôdas as despesas de construção e reparação :

1915	45 456\$96
1919	57 242\$16
1923	153 822\$96
1927	229 366\$68
1928	240 197\$85

Naturalmente, que, se em Portugal a «Junta de Educação Nacional» já se interessou pelo assunto e se em Espanha as residências se sucederam à criação da «Junta de ampliação de estudos», o mesmo, estamos crentes, há-de suceder no nosso País. Conjuguemos os nossos esforços.

Uma residência de estudantes, um director ao nível das suas funções, a camaradagem, a beleza do trato, o amor à nossa própria casa. . .

Formaremos depois uma classe organizada.

Todos conheceis a «Confédération Internationale des étudiants», todos sabeis que foi realiado um congresso da mesma em 1930 em Varsóvia, não é verdade ?

Se sabeis isso, também não quero deixar de vos dizer que quasi todos os países da Europa, pelo menos, são sócios dessa C. I. E. menos o nosso, e que nesse congresso tomaram parte os grandes países da Europa. . . menos o nosso, que também quiere e merece ser grande.



Prof. Rodriguez Cadarso

Mas, para a criação de uma residência de estudantes, não é preciso só o architecto e dinheiro, é preciso um homem que, como por exemplo RODRIGUEZ CADARSO, em Santiago, tome a iniciativa e a direcção suprema de tal empreza. Onde não há unidade de comando, nada se faz;

onde não existe um chefe — naturalmente que com isto, quero dizer um chefe à altura — ou onde existem muitos, tudo fica em palavras, papel e nada mais.

Em Portugal também deve haver homens da têmpera de RODRIGUEZ CADARSO, sinceros e entusiastas até ao sacrificio pessoal, mas conseguindo depois da morte que o seu nome fique pairando no alto, claro e límpido como o cristal, e a sua memória gravada nas gerações futuras.

Nós, do lado de cá do Minho, conhecêmo-lo, admirámo-lo e não o esquecemos, continuando a tributar-lhe a nossa gratidão como paladino da nossa classe e ainda como obreiro da grande amizade luso-espanhola.

Morreu... ficou a sua obra, a atestar aos vindouros a verdade das minhas palavras.

A G U A R A D I U M

CARIA (Beira Baixa)

E' de tôdas até hoje conhecidas a que mais radio contem em dissolução,
o que lhe permite conservar a sua radio-actividade em forma permanente.

Actua directamente sobre a arterio-esclerose, dissolvendo a cal das arterias.
Faz desaparecer os edemas nas doenças do coração e rins. «**Diminue a
pressão arterial e portanto o perigo da apoplexia**». Indispensável
para o artritismo e outras doenças da nutrição (aos diabeticos elimina o
assucar da urina, mesmo sem regimen). Estimulante das glândulas endocrinas,
restituindo-lhes o seu funcionamento normal. Tónico poderoso de todo o
organismo debilitado.

Excelente água de mesa de escassa mineralisação (0,05 gr. por litro)

A' venda em tôda a parte

Depósitos	LISBOA	PORTO
	95, R. dos Fanqueiros, 97 Tel. 27878	R. Ferreira Borges, 20 Tel. 6986

A

CALCIORGAN

(Calcina organica **SANITAS**)

é

cinco vezes mais assimilável

do que as CALCINAS MINERAIS.



O **Oleo de Bacalhau** pode ser tomado sem
repugnância sob a fórmula de

Morrhumalte

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

LISBOA — PORTO — COIMBRA



Receituário

Solutos injectáveis

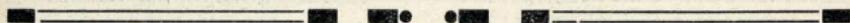
Especialidades farmacêuticas

Material cirúrgico

Electricidade médica

Material de laboratório

Reagentes para análise



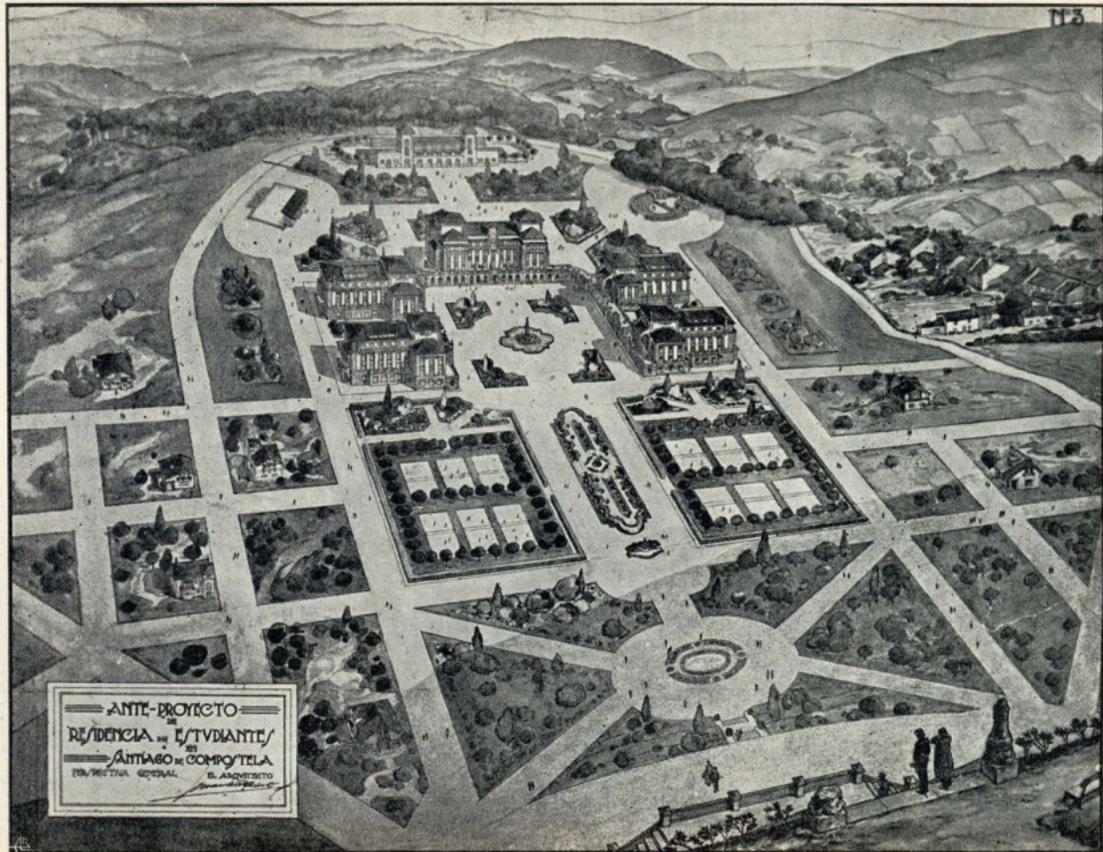
Papeis nacionais e estrangeiros
para Livros, Revistas e Jornais
aos melhores preços do mercado.



Civilização, L.^{da}

Rua José Falcão, 107 a 111 — PORTO

Telefone, 1819



Santiago de Compostela; desçamos aquela rampa ao lado do Jardim ROSALIA DE CASTRO e olhemos essa planície em que JENARO DE LAFUENTE criará a obra que já começou e que vós podeis ver no ante-projecto que acompanha este artigo.

Como sei que todos os meus colegas não desdenhariam de me acompanhar nesta viagem, permiti que vos convide e que seja o vosso guia:

Aqui, o jardim monumental; ali, ficarão os pavilhões, de que o primeiro será, talvez, inaugurado no dia 1 de Janeiro, mais adiante o teatro...

Desculpem, mas serei melhor cicerone, quando vos puder mostrar a residência dos estudantes do Pôrto.

Por agora, vejam o ante-projecto e a frontaria do pavilhão a inaugurar, e sigam-me na descrição que nunca vos poderá traduzir a realidade das coisas, porque me falta o melhor: os resultados de tal obra, os benefícios que advirão para o estudante e que só podereis avaliar com o seu contacto próprio.

Se mais não pode ser, vejamos só como construção e calculemos o resto, mórmente a nossa máguia e consoante a nossa natureza de ser e fiquemo-nos com a esperança de cêdo virmos a ter o mesmo em Portugal.

O rio Minho não é razão para que do lado de lá se progrida e de cá marquemos passo!

O projecto, que já começou a realizar-se, consiste no seguinte, de uma maneira geral: a entrada para a residência com a sua fonte monumental, os jardins e os campos de ténis: uma grande praça central circunscrita por cinco pavilhões e ao fundo, e por trás dos edifícios, o stadium; a sul a piscina e a norte o teatro.

Não são fantasias que vos descrevo; são verdades que já se iniciaram e que breve estarão completas.

A inauguração do primeiro pavilhão realiza-se, talvez, em 1 de Janeiro do próximo ano.

Oxalá nessa cerimónia esteja presente um delegado da nossa Universidade, representando Portugal que se congratula com o progresso da sua irmã Espanha, simbolizando a nossa região que se alegra com as alegrias da sua amiga Galiza, interpretando o sentir dos nossos rapazes que vivem como êles da ciência e para a ciência, irmanados neste sacrosanto princípio de paz e amor!

Mas vejam mais, que o que atrás disse nada é desta obra grandiosa; a fonte da entrada será decorada pelo notável grupo escultural que outrora coroou a Universidade e que será agora a primeira coisa a deslumbrar o visitante.

O plano de edificios compreende quatro para residência pròpriamente dita e um para serviços gerais, centro de reuniões, bibliotecas, etc.

A sua disposição tem a forma de ferradura, de que a parte média é ocupada por este último edificio, em comunicação com todos os outros por um passeio coberto.

O estilo também preocupou o autor do projecto, que, de acôrdo com o característico da cidade, escolheu o «barróco» adaptado às necessidades da vida moderna e aos fins da residência.

O edificio que será inaugurado é um dos destinados a residência e tem capacidade para 77 estudantes e 16 creados, à parte a habitação do Director.

Está dividido em cinco andares:

Em baixo, logo a seguir à porta de entrada, existe um átrio, à direita do qual fica a biblioteca e à esquerda a administração e oficinas próprias do edificio.



Um dos Pavilhões a inaugurar

Vem depois a escada principal que nos encobre a sala de fumo que fica à frente da sala de jantar plena de luz, abarcando tôda a largura do edificio.

Um «bar», as cozinhas e os serviços auxiliares de lavagem de roupa, etc. completam êste rés-do-chão, que assenta sôbre a loja, na qual estão distribuídos os depósitos de carvão, maquinismos de aquecimento, despensas, adegas e câmaras frigoríficas.

O primeiro e segundo andares teem cada um 4 habitações, dois quartos de duches, uma sala de lavatórios, com quarto de banho e três W. C.

Os restantes andares são mais ou menos constituídos de modo semelhante.

No corpo central do edificio existe a habitação do Director e na parte superior dos corpos laterais encontram-se dois terraços cobertos, destinados a recreio.

Para terminar, não me quero esquecer de mencionar o aquecimento central em tôdas as dependências, luz eléctrica, serviço telefónico em cada andar e campainhas em todos os quartos.

A residência dos estudantes de Madrid levou cinco meses a abrir depois da promulgação do decreto que a criou.

Sol radiante... caras risonhas... capas ao vento... tudo se congrega para que a inauguração da Residência de estudantes seja uma alegria.

Moços, força viva de um pòvo, fonte do dinamismo de uma nação, já não viveis na rua, tendes casa vossa.

Amai-a que muito trabalho custou; não a esqueçais ao deixá-la, que foi ela que vos criou, vivei para ela e ajudai-a no seu nobre fim de «suprimir a impossibilidade de prover convenientemente alguns lugares em país tão pobre de competências como o nosso».

Ao terminar o presente artigo, cumpre-me agradecer a amabilidade do Prof. ECHEVERRI, de Santiago, que me permitiu organizá-lo mediante as suas informações.

T I A G O F E R R E I R A



diversos

Faremos menção de tôdas as publicações de que nos mandem um exemplar para a redacção.

A-fim de actualizarmos a nossa publicação, resolvemos suprimir os números de Julho-Agosto, Setembro-Outubro e Novembro-Dezembro do ano pretérito.

A todos os nossos assinantes pedimos a fineza de no caso de mudarem as suas moradas, nos comunicarem, por meio de um simples postal dirigido à nossa redacção; evitam-se assim extravios, que só nos acarretam prejuízos. Do mesmo modo e por ainda não estarem completamente reorganizados os serviços de administração, solicitamos a todos os que não tenham recebido algum dos números publicados, nos comunicarem igualmente, que imediatamente serão atendidos.

Correspondentes em

Lisboa — <i>Manoel Marques Canas.</i>
Coimbra — <i>Manuel Teixeira Pinto.</i>
Santiago de Compostela — <i>Alberto Araluce.</i>

bibliografia

Vida Escolar: n.º 1 — 2.ª fase:

Órgão do Grande Colégio da Boavista —

Este número é excelentemente colaborado por antigos e actuais alunos. Publica-se mensalmente e a sua distribuição é gratuita. O número presente traduz, duma maneira bem clara, o aproveitamento que têm os que passam por aquele magnífico estabelecimento de ensino, que enfileira entre os melhores do Porto.

Lisboa Médica — Números 8, 9, 10 e 11, correspondentes aos meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro de 1935. Entre outros assuntos podem-se ler nos presentes números os seguintes trabalhos originaes:

A angiografia no diagnóstico dos aneurismas e angiomas do cérebro — Egas Moniz.

Neoplasias renais; diagnóstico precoce e diferencial — Reinaldo dos Santos e António Carneiro de Moura.

Técnica da angiografia cerebral — Ruy de Lacerda.

Sobre métodos de exame de secreção gástrica — J. H. Casção de Anciães e Carlos Trincão.

Prof. Pereira da Silva — N. de Betencourt.

La régulation des fonctions végétatives — Dr. E. Rothlin.

Um caso de carcinoma do rim — Alberto Gomes e Henrique Parreira.

Contribuições morfológicas para o estudo dos tumores — Prof. Friedrich Wohlwill.

Profilaxia da blenorragia no homem — Emilio Tovar Faro.

Agradecemos.

Portugal Médico — Números 7, 8, 9 e 10 referentes aos meses de Julho, Agosto Setembro e Outubro do ano corrente.

Inserem os seguintes trabalhos originais:

Alguns aspectos radioclínicos do cólon proximal — Roberto Carvalho.

Biotipologia e medicina — Luiz de Pina.

Biotipologia e Medicina (conclusão) — Luiz de Pina.

Inquinação de bisturis em acto de diérese — J. Monteiro Bastos.

As formas localizadas da doença de Hodgkin — Fonseca e Castro.

O suco gástrico após a refeição de Ewald-Boas e a prova da histamina — Esteves Pinto.

A arteriectomia no tratamento das arterites obliterantes — Souza Pereira.

As manifestações precoces da sífilis congénita — Fonseca e Castro.

Alimentação da mãe e saúde do lactente — Armando Tavares.

Agradecemos.

Arquivos de Patologia — *Órgão do Instituto Português para o estudo do cancro* publicado por F. Gentil e M. Athias; insere este número diversos trabalhos de investigação cancerológica feitos em Portugal, nos diferentes centros; o seu sumário é o seguinte:

Um caso de mieloma múltiplo — J. Nunes de Almeida.

Adenoma solitário do fígado — Amandio Tavares.

Tabelas para a aplicação do Radão — H. Amorim Ferreira.

Organisation de la lutte contre le cancer au Portugal — M. Athias.

Sobre alguns casos de erro de diagnóstico em tumores abdominais — Augusto Monjardino.

Uma estatística de cancro da mama no homem — F. Gentil, José e Manuel Trancoso.

A propósito da luta anticancerosa — o novo Pavilhão de rádio do I. P. O. — F. Gentil.

Dois casos de rabiomioma da língua — H. Parreira e J. Nunes de Almeida.

Dois casos de ganglioneuroma — H. Parreira e M. D. Prates.

Metástases sacro-iliacas de carcinoma. Círose da mama num homem — Arnaldo Rodo.

Iconografia oncológica.

Agradecemos.

O Novo Hospital de San Sebastian por *Urcola, Aguiembo* e *Usandizaga*: suplemento dos «Arquivos de Patologia»,

Agradecemos.

Medicina: Números 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15 desta nossa coleção dos estudantes de Medicina de Lisboa.

Pugnando como nós pelo levantamento do nível do estudante, em especial, o de medicina, merece-nos o nosso incondicional apoio, a sua orientação.

E' seu director o nosso ex-colega Abilio Mendes auxiliado por outros académicos da mesma Faculdade, entre os quais se encontram Ivo Abrunhosa, Rudolfo Iriarte, Ducla Soares, Santana Olival, Lino Carracho, Carlos Jorge e Amadeu Costa Madureira.

O último número além dos trabalhos do Dr. Antonio Carneiro de Moura e do Prof. Geraldino de Brites, Ernesto de Moraes, Velloso de Pinho e as secções do costume, encerra a história da «Medicina operatória na Escola do Pôrto» pelo Prof. Hernani Monteiro.

Conferências da Liga Social de Profilaxia Portuguesa — Realizou no passado ano a liga de Profilaxia social uma série de conferências que acaba de publicar num volume ao preço de 15\$00.

Dados os fins sociais a que se destina a sua venda, aconselhamos todos os nossos leitores a sua aquisição.

Por absoluta falta de espaço não podemos fazer a devida referência a este valioso trabalho, tradutor dos esforços enormes que a Liga tem dispendido, a-pesar de quasi estar desamparada.

Os nomes que assinam as diferentes conferências, constituem os melhores adjetivos, para o livro que a Liga acaba de editar: Dr. Ezequiel de Campos, Cap. Francisco de Paula Botelho, Prof. Geraldino de Brites, Dr. R. Tamagnini Barbosa, Prof. Luiz de Pina, Dr. Fausto Landeiro, Dr. Ladislau Patricio, Dr. Acácio Tavares, Dr. Agostinho de Campos, Dr.^a D. Sara Benoliel, Dr. Julio

Eduardo dos Santos, Dr. Alberto Brochado e Prof. Rocha Brito.
Agradecemos.

No presente número «Germen» inserem-se senhas que darão entrada grátis a 50 estudantes e 50 % a todos os outros estudantes que excedam aquele número, no Palácio de Cristal em todas as festas, desde o cinema até ao teatro.

Pedimos desculpa a todos os nossos assinantes, de não lhes fornecermos o n.º 1, que se encontra esgotado.

Profs. Souza Pereira e Afonso Guimarães. No passado número demos a notícia de que se encontravam no estrangeiro como bolseiros da «Junta de Educação Nacional», estes nossos colaboradores.

Rectificamos agora: Suas Excelências são bolseiros da «Rockefeller Foundation».

Já depois de terminados os trabalhos de composição da nossa revista, fomos surpreendidos pela morte do Professor Hernani Barrosa.

Professor emérito e clínico distinto, conquistava os corações de todos aqueles com quem convivia; a morte, porém, compraz-se em roubar-nos todos aqueles que mais estimamos e nós nada mais temos a fazer do que deixar fugir aqueles que passam a vida a combater a morte, para por fim, se deixarem vencer por ela.

Rouba-nos a pessoa querida, é certo, mas a saúde perdurará e com ela a recordação de quem nos foi querido e continua a ser.

O Prof. Hernani Barrosa, apesar da sua modéstia e da sua justiça, soube cativar todos os estudantes.

A' Faculdade de Medicina, e à família, apresenta «Germen» os seus mais sinceros sentimentos.

Em virtude de este número especial, ter quasi o dobro do número normal de páginas — 48 — vemos-nos obrigados a excepcionalmente elevar-lhe o preço para 3\$00.

Na nossa Faculdade realizou o mês passado uma conferência intitulada «Estudo das perturbações do metabolismo do colagénio: dermatite crónica atrofiante, esclerodermias e queloides» o Prof. Pantrier, da Fac. de Medicina de Estrasburgo.

No próximo número, inseriremos o resumo feito pelo conferente, dêste tão notável e tão valioso trabalho.

Necrologia :

Dr. Augusto Henrique de Almeida Brandão — Diplomado pela Escola Médico Cirúrgica do Porto, nasceu em 9 de Janeiro de 1846. Foi lente demonstrador da secção cirúrgica, lente proprietário de anatomia patológica e director da Faculdade de Medicina do Porto.

O extinto foi ainda membro do Conselho Médico Legal e presidente de honra da III sessão do XV Congresso Internacional de Medicina. Em 1922 foi jubulado

sumário

Razões de ser	Pedro Sampaio
Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas	Prof. Hernani Monteiro
Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas	Dr. Diz y Lois
Os Portugueses nas Jornadas Médicas de Orense	Dr. Vilas Boas Neto
Residências de estudantes	Tiago Ferreira
Diversos	



À VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS E DROGARIA

Agencia editorial A. Valente

Rua de Santa Tereza, 26-1.º

PORTO

Telf. 6199

Editoras de

BARCELONA, MADRID e PARIS

Livros sobre diversas especialidades :

Medicina, Arte, Engenharia,
Arquitectura, Comercio, In-
dustria, Literatura, etc.

Vendas a prazos mensais e a dinheiro
PREÇOS DAS EDITORAS

Farmácia Figueiredo, L.^{da}

Fundada em 1784 (há 150 anos), das mais antigas do Porto, das que possui os seus laboratórios instalados nas melhores condições higiénicas, das que pelo seu sortido, pelo esmerado e meticuloso cuidado posto em tôdas as suas preparações, a tornam uma das mais preferidas desta cidade.

As Especialidades desta antiga farmácia, são um conjunto de fórmulas em que a pureza dos seus componentes são a garantia da sua eficácia.

Rua de Cedofeita, 125

PORTO

TELEFONE, 6 2 0

EMULSÃO FIGUEIREDO

De óleo puro de fígados de bacalhau com hipofosfitos de cal e soda. Preparação cuidada desta farmácia, dum sabor agradabilíssimo perfeitamente tolerada por todos os estômagos. Produto vitaminado contendo todos os princípios activos contidos no óleo. Preferida por centenas de distintos clínicos que a prescrevem com óptimos resultados, na anemia, neurastenia, raquitismo, escrofulose e em todos os casos de debilidade geral.

BORGES & IRMÃO (Banqueiros)

PORTO

— Filiais: Lisboa, Braga, Ovar, Matozinhos e Rio de Janeiro —

Descontos; cobrança de letras; depósitos á ordem e a prazo; abertura de créditos; compra e venda de cambiais e saques sobre todos os países; compra e venda de toda a espécie de moedas nacionais e estrangeiras e quaisquer papeis de crédito.

Secção de Tabacos e Lotarias

Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, L.^{da}

ARMAZENS: — Gaia — Porto

O MAIS PODEROSO dis-solvente physiologico do acido urico, das uratos e dos sais, obtendo a formação dos calculos, das areias e da pedra.

Artritecs em todas as suas diferentes variedades, reumaticos, gotosa, calciosos, obesos, neuralgicos, dyspepticos, etc., etc.

Nenhuma contra-indicação, nenhuma toxicidade, nenhuma fadiga do estomago, dos rins, nem do cerebro, mesmo em doses elevadas e repetidas.

42 vezes mais activo que a lithina, e 18 que a piperezina.

3 colheres das de chá por dia tomadas em agua no intervalo das refeições

Estados agudos: - 3 colheres das de sopa por dia.

LABORATORIOS DA FARMACIA FORMOSINHO DE Adriano Gueiffão Ferreira
Praça dos Restauradores, 18 LISBOA Telef. 21214

O MAIOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO

SUPERIOR AOS CONGENERES NACIONAIS E ESTRANGEIROS



Indicações:

Antibacilar, Organoletico poderoso; em tôdas as doenças infecciosas e esgotamento de tôda a espécie.

Contra-indicações:

Tuberculosos albuminuricos e tuberculosos diarreicos.

Com a

NUTRI FORMOSINHO

obtem-se um immediato aumento de peso e de appetite.





NUTRI FORMOSINHO

MEDICAMENTO

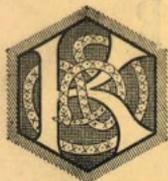
ALIMENTO

Composição por litro:	
Suco de carne crua	800 grs.
Glycerophosphato de sodio	2,50 "
• calcio	2,50 "
• magnesia	1 "
• potassa	1 "
• quinina	1 "
Hypophosphito de istrycna	0,023 "
Glycerina q. b. para 1000 gramas.	

A *NUTRI FORMOSINHO. PODE SER TOMADA SIMPLES OU MISTURADA COM QUALQUER BEBIDA OU ALIMENTOS FRIOS OU QUENTES, E DURANTE OU FORA DAS REFEIÇÕES

DOSE - 1 A 5 COLHERES DAS DE SOPA POR DIA PARA OS ADULTOS - CRIANÇAS - METADE DA DOSE

LABORATORIOS DA FARMACIA FORMOSINHO
DIRECTOR TECNICO - ADRIANO GUEIFFÃO FERREIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18
TELEFONE 21214 LISBOA



LABORATÓRIOS QUIMIATRÍA

“KEVEL”

Eduardo de Almeida & C.

22. RUA DO CATIVO. 24- PORTO-PORTUGAL. TELEFONE. 2165.

Medicação bronco-pulmonar

Pulmo - Sedina

Comprimidos

Diòlidal

Xarope

Estes produtos,
constituindo
fórmulas minu-
ciosamente
estudadas, riva-
lizam com os
melhores que nos apresenta
o estrangeiro, no trata-
mento da tosse, bron-
quites, gripe pulmo-
nar e tódas as
afecções agúdas
ou crónicas
das vias res-
piratórias.